

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**  
**DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**  
**Maria Luísa Rodrigues Ramos**

**DESAFIOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA: 'SER  
MULHER' E A NÃO ESCOLHA DA MATERNIDADE**

**Taubaté - SP**

**2021**

**Maria Luísa Rodrigues Ramos**

**DESAFIOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA: 'SER  
MULHER' E A NÃO ESCOLHA DA MATERNIDADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia. Orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Andreza Maria Neves Manfredini.

**Taubaté – SP**

**2021**

**Sistema Integrado de Bibliotecas - SIBi**  
**Grupo Especial de Tratamento da Informação – GETI**  
**Universidade de Taubaté – UNITAU**

R175d Ramos, Maria Luísa Rodrigues  
Desafios da mulher contemporânea: 'ser mulher' e a não  
escolha da maternidade / Maria Luísa Rodrigues Ramos. – 2021.  
68 f. : il.

Monografia (Graduação) – Universidade de Taubaté,  
Departamento de Psicologia, 2021.

Orientador: Profa. Dra. Andreza Maria Neves Manfredini,  
Departamento de Psicologia.

1. Ser mulher. 2. Mulher contemporânea. 3. Não-maternidade.  
I. Universidade de Taubaté. Departamento de Psicologia. Curso  
de Psicologia. II. Título.

CDD- 155.633

**MARIA LUÍSA RODRIGUES RAMOS**

**DESAFIOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA: 'SER MULHER' E A NÃO  
ESCOLHA DA MATERNIDADE**

Monografia apresentada ao Departamento de Psicologia da Universidade de Taubaté como requisito parcial para a conclusão do Curso de Psicologia. Orientada pela Prof.<sup>a</sup> Dra. Andreza Maria Neves Manfredini.

Data: \_\_\_\_\_

Resultado: \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA:**

Prof.<sup>a</sup> Dra. Andreza Maria Neves Manfredini                      Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra. Adriana Leônidas de Oliveira                      Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof.<sup>a</sup> Dra: Maria Emilia Sousa Almeida                      Universidade de Taubaté

Assinatura: \_\_\_\_\_

Eu dedico esse trabalho a todas mulheres que lutam diariamente para conquistar seu espaço em nossa sociedade.

## **AGRADECIMENTOS**

A conclusão dessa etapa acadêmica é muito importante para mim, me sinto muito grata por essa realização, a qual não seria possível se meu caminho não tivesse cruzado com tantas pessoas maravilhosas. Primeiramente eu agradeço a minha querida mãe Ingrid Cristiane dos Santos, por ser uma mãe incrível, que sempre me aceitou incondicionalmente, me incentiva aos estudos e a busca do conhecimento e por me proporcionar e encorajar a realização dos meus sonhos.

Em seguida eu agradeço ao meu marido Valdinei Ramos, por ser meu companheiro, dividindo sonhos comigo, e por me levar e buscar na universidade e nos estágios desde meu primeiro ano.

Agradeço a minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Andreza Maria Neves Manfredini por toda dedicação, sabedoria e orientação na construção desse trabalho. Agradeço também a todos os meus professores e colegas de classe, que passaram pela minha trajetória na universidade, uma vez que todos tiveram contribuições importantes para o meu desenvolvimento acadêmico.

Gratidão aos meus familiares e amigos que acreditaram em mim e me incentivaram na realização desse sonho.

Obrigada a todos!

“Que nada nos limite.  
Que nada nos defina.  
Que nada nos sujeite.  
Que a liberdade seja nossa própria substância.”

Simone de Beauvoir

## RESUMO

Na sociedade contemporânea as mulheres vêm ganhando maiores destaques nos meios profissionais e esferas públicas, uma vez que a mulher passou a participar do mercado de trabalho e ter escolhas sobre sua vida pessoal e profissional. Por isso, a opção da mulher por não ter filhos é um fenômeno que vem se ampliando. O objetivo desse estudo foi compreender a vivência de mulheres que escolheram pela não maternidade, analisar o significado de ser mulher, a representação da maternidade para a mulher, os motivos pela escolha de não ser mãe, os desafios da mulher na escolha da não-maternidade em relação à família, os sentimentos da mulher que escolheu a não-maternidade e as influências da carreira profissional na não escolha da maternidade. Trata-se de uma pesquisa com delineamento qualitativo e estudo de caso. O instrumento utilizado foi entrevista semiestruturada. Para composição da amostra, os participantes foram selecionados por amostragem bola de neve e foi realizado um perfil socioeconômico para caracterizar a amostra. Foram entrevistadas sete participantes, os critérios de inclusão foram: mulheres, do sexo feminino, na faixa etária de 20 a 45 anos, ausência de filhos voluntariamente, residentes no vale do Paraíba. Para analisar os dados foi realizada análise por categorização e foram elaboradas seis categorias de análise. A partir dos resultados obtidos podemos observar que ser mulher para as participantes denota luta, e suas conquistas dependem da sua batalha. Em relação à representação da maternidade, foi possível identificar que a maternidade demanda responsabilidade e entrega, sendo um dos principais motivos da não escolha da maternidade. Referente aos desafios, os questionamentos sobre a maternidade vêm dos familiares mais velhos e da sociedade, porém as participantes se posicionam sobre os motivos dessa escolha. A carreira profissional exerce influência, mas não foi o determinante para a escolha de não ser mãe, uma vez que além da responsabilidade em ter um filho, as participantes prezam pela própria liberdade. Em relação à vivência dessa escolha, compreende-se que as participantes sentem-se felizes e realizadas, e apresentam inúmeros planejamentos para o futuro, os quais não incluem a maternidade. Diante desses resultados ressalta-se a importância da ampliação para outras regiões, etnias e classes sociais, visto que as participantes são todas residentes na cidade de Taubaté Estado de São Paulo, identificam-se como brancas, e possuem acesso ao ensino superior.

**Palavras-chave:** Ser mulher. Mulher contemporânea. Não-maternidade

## **ABSTRACT**

In contemporary society, women have gained greater prominence in professional circles and public spheres, since women started to participate in the labor market and have choices about their personal and professional lives. Therefore, the choice of women not to have children is a phenomenon that has been expanding. The aim of this study was to understand the experience of women who chose non-maternity, analyze the meaning of being a woman, the representation of motherhood for women, the reasons for choosing not to be a mother, the challenges of women in choosing non-maternity in relation to the family, the feelings of the woman who chose non-maternity and the influences of her professional career in not choosing motherhood. It is a research with qualitative design and case study. The instrument used was the semi-structured interview. For sample composition, participants were selected by snowball sampling and a socioeconomic profile was performed to characterize the sample. Seven participants were interviewed, the inclusion criteria were: women, female, aged between 20 and 45 years, voluntarily absent children, residing in the "Vale do Paraíba". To analyze the data, analysis by categorization was performed and six categories of analysis were elaborated. From the results obtained, we can observe that being a woman for the participants denotes a struggle, and their achievements depend on their battle. Regarding the representation of motherhood, it was possible to identify that motherhood demands responsibility, being one of the main reasons for not choosing motherhood. Regarding the challenges, questions about motherhood come from older family members and society, but the participants take a stand on the reasons for this choice. The professional career exerts influence, but it was not decisive for the option of not being a mother, as in addition to the responsibility of having a child, as a participant, it values one's own freedom. Regarding the experience of this choice, it is understood that the participants feel happy and fulfilled, and have numerous plans for the future, which do not include motherhood. In view of these results, the importance of expanding to other regions, ethnicities and social classes is highlighted, as the participants are all residents of the city of Taubaté State of São Paulo, identify themselves as white, and have access to higher education.

**Keywords:** Being a woman. Contemporary women. Non-maternity

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Perfil socioeconômico das participantes.....	34
Quadro 2 – Relato das participantes – categoria 1 .....	36
Quadro 3 – Relato das participantes – categoria 2 .....	39
Quadro 4 - Relato das participantes – categoria 3 .....	41
Quadro 5 - Relato das participantes – categoria 4 .....	45
Quadro 6 - Relato das participantes – categoria 5 .....	49
Quadro 7 - Relato das participantes – categoria 6 .....	51

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1 PROBLEMA.....	11
1.2 OBJETIVO.....	11
<b>1.2.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>11</b>
<b>1.2.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>11</b>
1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO .....	12
1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO.....	12
1.5 ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA.....	12
<b>2 REVISÃO DA LITERATURA</b> .....	<b>14</b>
2.1 'SER MULHER' NA SOCIEDADE.....	14
2.2 MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL .....	20
2.3 MULHER E NÃO- MATERNIDADE .....	23
<b>3 MÉTODO</b> .....	<b>31</b>
3.1 TIPO DE PESQUISA.....	31
3.2 LOCAL DA PESQUISA.....	31
3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA .....	31
3.4 INSTRUMENTO .....	32
3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS .....	32
3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS.....	33
<b>4 RESULTADOS</b> .....	<b>34</b>
4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA.....	34
<b>5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	<b>35</b>
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>54</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>56</b>
<b>APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA</b> .....	<b>61</b>
<b>ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	<b>63</b>
<b>ANEXO B – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA</b> .....	<b>66</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Na sociedade contemporânea as mulheres vêm ganhando maiores destaques nos meios profissionais e esferas públicas, uma vez que a mulher passou a participar do mercado de trabalho, a ter escolhas sobre sua vida pessoal e profissional. Por isso, a opção da mulher por não ter filhos é um fenômeno que vem se ampliando, em consequência dos métodos contraceptivos, mulheres majoritariamente das classes médias e altas, passaram a ter responsabilidade por sua sexualidade, podendo ter a escolha de não engravidar, permitindo-a ter controle sobre seu corpo e sua vida e separar sexualidade de procriação (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007; BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012; PATIAS; BUAES, 2012).

Segundo o IBGE (2016) houve uma queda nos registros de nascimento no Brasil, no ano de 2016 o número de registros foi de 2,79 milhões, indicando uma queda de 5,1% em relação a 2015, quando houve 2,95 milhões de registros. Em comparação ao ano de 2010, essa é a primeira queda observada. Além disso, existe uma tendência à maternidade tardia, e as mulheres têm diminuído o número de filhos, diante desses dados, pode-se pensar que a não escolha pela maternidade pode ser uma realidade mais presente nos dias atuais.

Muitas das mulheres que optam por não ser mãe, tem como motivo a valorização profissional e financeira, maior liberdade, participação de outros cenários sociais, além de identificar a maternidade como renúncia e sacrifício de uma vida inteira para outra pessoa (PATIAS; BUAES, 2012). Uma vez que a mulher é quem fica mais sobrecarregada nos afazeres familiares e domésticos, na modernidade a mulher tem de ser mãe, ser uma boa esposa, e também deve ganhar o seu dinheiro e cuidar da casa, ou seja, embora a mulher tenha conquistado os espaços públicos, que só pertenciam aos homens, a esfera privada é vista como obrigação somente da mulher.

Partindo dessa perspectiva, ao mesmo tempo em que a sociedade incentiva a mulher a construir uma carreira profissional, espera-se que a mulher cumpra seu papel de ser mãe e de continuidade a sua família (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007). 'Ser Mulher' em diversos contextos está relacionado com fertilidade, gravidez e cuidar dos filhos, a maternidade é uma construção social, enraizada na biomedicina e na religião ocidental, a qual naturaliza a gravidez, e avalia

e valida a capacidade (ZANELLO; PORTO, 2016).

A mulher que escolhe por não ser mãe experiencia diversos sentimentos, uma vez que vivencará uma vida diferente da qual é esperada podendo ser considerada uma ‘mulher transformadora’ ou ‘manifestante precoce’, tendo de enfrentar os desafios dessa escolha (MANSUR, 2003). Deste modo, a mulher que escolhe por não ter filhos é estereotipada, muitas vezes essa decisão é interpretada como anormalidade, patologia, falta de saúde e egoísmo. Socialmente pode ser compreendida como desvio do padrão esperado, acompanhada de preconceito e pressão social (RIOS; GOMES, 2009).

Portanto, essa escolha pode afetar emocionalmente a mulher, uma vez que ao desviar das normas seculares, essa mulher é estigmatizada e tratada com indiferença, provocando sentimentos de exclusão (MANSUR, 2003). Não ser mãe pode trazer sentimentos de incompletude à mulher, causando profundo sofrimento, por conta da sociedade que tenta direcioná-las para maternidade, as colocando em xeque sobre ‘ser mulher de verdade, as consequências para a mulher que escolhe voluntariamente a não-maternidade podem ser ainda maiores, haja vista que está negando a ‘natureza feminina’: ser mãe (ZANELLO; PORTO, 2016).

## 1.1 PROBLEMA

Vivemos em uma sociedade culturalmente patriarcal que impõe papeis sociais as mulheres. Ser mulher na contemporaneidade é um desafio, visto que existem diferenças construídas socioculturalmente para papeis femininos e masculinos. São muito os aspectos que afetam o psicológico das mulheres na sociedade, dentre eles o não desejo da mulher pela maternidade. Uma vez que a maternidade é vista como uma natureza feminina: **Qual a vivência de mulheres que escolhem pela não maternidade?**

## 1.2 OBJETIVO

### 1.2.1 Objetivo Geral

Compreender a vivência de mulheres que escolheram pela não maternidade.

### 1.2.2 Objetivos Específicos

Compreender e analisar:

- O significado de ser mulher;
- A representação da maternidade para a mulher;
- Os motivos pela escolha de não ser mãe;
- Os desafios da mulher na escolha da não-maternidade em relação a família;
- Os sentimentos da mulher que escolheu a não-maternidade;
- As influências da carreira profissional na não escolha da maternidade.

### 1.3 DELIMITAÇÃO DO ESTUDO

Este estudo se delimitou investigar mulheres na faixa etária dos 20 aos 45 anos, visto que essa faixa etária compreende duas fases do desenvolvimento humano, o início da vida adulta (20 à 40 anos) nesse período são realizadas escolhas sobre vocação e estilo de vida, e adulto intermediário (40 à 65 anos), sendo o período da menopausa, marcada por uma diminuição dos hormônios de reprodução da mulher (PAPALIA; FEELDMAN, 2013). A área geográfica que delimitou a pesquisa é o Vale do Paraíba do estado de São Paulo, mais especificamente a cidade de Taubaté.

### 1.4 RELEVÂNCIA DO ESTUDO

Este estudo busca facilitar e favorecer a comunidade a respeito desse tema trazendo reflexões e questionamentos acerca da mudança do papel social da mulher e a necessidade do respeito aos sentimentos e posicionamentos das mulheres que escolheram pela não-maternidade. A região do Vale do Paraíba é composto por diversas cidades do interior de São Paulo, ricas em tradição, cultura popular, e o modelo de família dessa região é tradicional, sendo assim, considera-se importante o desenvolvimento da pesquisa nessa região, levando em consideração, que a temática é atual e contrária aos moldes de uma família tradicional. No âmbito da psicologia, este estudo visa, por meio do estudo de caso, compreender e analisar os aspectos psicológicos dessas mulheres, diante dos diversos contextos da sociedade.

### 1.5 ORGANIZAÇÃO DA MONOGRAFIA

Essa pesquisa está organizada em seções. Iniciando pela apresentação da introdução do trabalho, o problema, objetivos, a delimitação do estudo e sua

relevância. Posteriormente foi apresentada a revisão de literatura utilizada para o embasamento e desenvolvimento da pesquisa. Em seguida, foi apresentado o método da pesquisa, coleta de dados e análise dos dados. Após foi apresentado os resultados e a discussão dos resultados com o embasamento teórico da revisão de literatura. Encerrando-se com as considerações finais, referências, apêndices e anexos.

## 2 REVISÃO DA LITERATURA

### 2.1 'SER MULHER' NA SOCIEDADE

Identifica-se que as diferenças entre os sexos foram naturalizadas, e as tarefas eram designadas de acordo com a sua natureza biológica, com isso, no período colonial atribuía-se à mulher tarefas de cuidados do lar, visto que sua alma era considerada fraca e inferior. Além disso, a mulher nas classes mais altas da sociedade deveria servir a religião, para que ela pudesse se desenvolver como uma 'boa dama da sociedade' e pudesse passar esse conhecimento para as meninas da família. A igreja exercia domínio sobre a sexualidade feminina, a justificativa quanto ao adestramento do corpo feminino, era que o homem era superior, portanto, a ele pertencia a autoridade (DEL PRIORE, 2004).

Segundo Beauvoir (2019a, p. 12) “[...] a humanidade é masculina, e o homem define a mulher não em si, mas relativamente a ele, ela não é considerada um ser autônomo.” Ou seja, as mulheres eram submetidas aos padrões que interessavam os homens, e não aos seus próprios desejos e escolhas.

No Brasil colonial, o conhecimento da medicina em relação ao corpo feminino, se restringia a reprodução. Na compreensão de muitos médicos da época, a mulher havia sido criada exclusivamente para reproduzir-se. Portanto, além da igreja, a medicina detinha o direito e reafirmava que a natureza biológica da mulher se relacionava a moral e metafísica, que seria ser mãe, esposa, frágil e submissa. A sexualidade feminina era unicamente para reprodução, a mulher não deveria se preocupar com o prazer do ato sexual, tão pouco seu marido deveria se preocupar de ter uma relação prazerosa com a sua esposa (DEL PRIORE, 2004).

Os discursos religiosos e médicos determinavam as diferenças dos papéis masculino do feminino, e o papel atribuído a mulher era o da submissão e reprodução. O casamento era reconhecido como uma forma importante de domesticar a mulher e torna-la mãe. A educação era voltada sempre aos afazeres domésticos, o mínimo ensinado a mulher, era ler, escrever, contar, bordar, em contrapartida, os meninos eram educados para papéis considerados mais importantes na sociedade, para grandes cargos e títulos, uma vez que sua intelectualidade era compreendida como superior (DEL PRIORE, 2004).

A imagem feminina como já dito, era sempre relacionada com a natureza e das

suas leis, por isso a mulher era vista como frágil, bonita, sedutora, submissa e doce. Além disso, a mulher era considerada um ser ambíguo e contraditório, e as quando não se enquadrava nesse ideal de mulher, era considerada antinatural. Por isso, a mulher era submetida a diversas normas e padrões, para que ela não se transformasse em um ser perverso (ENGEL, 2004).

Diferentemente das mulheres de classes mais altas, as mulheres de classes populares ocupavam os trabalhos domésticos e mão-de-obra operária. No decorrer da história, as mulheres foram ocupando algumas atividades, no século XVIII era possível encontrar mulheres exercendo atividades de costureira, doceiras, fiandeiras e rendeiras, cozinheiras, lavadeiras. Algumas mulheres, por meio de provas e supervisão de médicos, conseguiam exercer a função de parteira (FIGUEIREDO; FALCI; DEL PRIORE, 2004).

Nas classes mais populares, a partir da união consensual instituída, a mulher passa a ter maior atuação, os papéis atribuídos as mulheres iam além do que previsto pelo casamento cristão. A mulher exercia atividades nos pequenos comércios, administração do lar e dos negócios na ausência do marido. Porém, a maioria das atividades econômicas exercidas, ocorriam por exigências de seus companheiros, pois, a pobreza e necessidade econômica, eram maiores que o preconceito sexual, e independente dos motivos que levaram a essa mudança, esse acontecimento foi de suma importância para atuação feminina no trabalho produtivo (FIGUEIREDO, 2004).

Na passagem dos séculos XIX e XX, com a consolidação do capitalismo, e inúmeras transformações no cenário social e início de uma vida urbana, se instaurou a nomeada família patriarcal brasileira, a qual era composta pela elite dominante, essa família era sob administração da figura paterna, o qual era atribuída todo poder e sabedoria. O casamento da elite era realizado por interesses econômicos, para unir as riquezas das famílias, as mulheres se casavam na idade de 15 a 18 anos, sendo que depois dos 25 anos já eram consideradas “moça velha”. Por conta do casamento o pai adiantava a herança da filha, porém essa ficava a administração do seu marido, somente a partir do ano de 1916 que foi permitido as mulheres casadas terem o controle dos seus bens (D’INCAO; FALCI; DEL PRIORE, 2004).

Nota-se que a configuração da sociedade era predominantemente estruturada no patriarcado, designando papéis conforme o gênero, e colocando os homens em posições mais importantes do cenário social.

Patriarcado é definido por Pateman (1993 apud SAFFIOTI, 2011) como a dominação e o direito sexual do homem em relação as mulheres, ou seja, a liberdade do homem e a sujeição da mulher, que deriva de um contrato original. Esse contrato é social e sexual, pois socialmente falando ele garante um direito político de superioridade ao homem, e sexual por conta do acesso do homem ao corpo feminino.

Hartmann (1979 apud SAFFIOTI, 2011) compreendia o patriarcado como um pacto masculino que oprime as mulheres, a hierarquização e solidariedade entre os homens, garantem essa dominação das mulheres.

Segundo Beauvoir (2019b, p. 11) não é o destino biológico que define o modo em que a mulher se assume na sociedade, com a seguinte frase “ninguém nasce mulher: torna-se mulher” ou seja, o processo de ser mulher depende do contexto histórico-cultural vigente. Para melhor se explicar os conceitos de sexo e gênero, Saffioti (2011) aponta a importância de compreender esses conceitos como uma mesma unidade, pois um se situa na biologia, na natureza e o outro na sociedade e cultura. Por isso, não deve haver uma dualidade entre os termos, uma vez que somente em um contexto irá existir uma sexualidade. Como o sexo biológico determinava o destino das pessoas, por conta das diferenças anatômicas e fisiológicas, o gênero é apresentado como uma categoria social, histórico-cultural e diz respeito as representações dos papéis masculinos e femininos socialmente construídos.

Deste modo, a autora acrescenta sobre as diferenças entre as experiências históricas e desiguais das mulheres em relação aos homens na sociedade, “[...] as práticas sociais de mulheres podem ser diferentes das de homens da mesma maneira que biologicamente, elas são diferentes deles. Isso não significa que os dois tipos de diferenças pertencem à mesma categoria” (SAFFIOTI, 2011).

A condição da mulher no início da consolidação do capitalismo era amplamente contraditória, uma vez que a partir da sua força de trabalho a mulher encontrava a possibilidade de fazer parte do mundo exterior, porém, essa mesma sociedade que utilizava da força de trabalho feminino como mercadoria, a privava das igualdades de direitos, com a justificativa de uma real desvantagem entre o masculino e o feminino, a da força física. Nesse cenário, a mulher tinha de competir em desigualdade com o homem por oportunidades de trabalho, eram marginalizadas da vida política, e vista

como inferiores e subordinadas na família (SAFFIOTI, 1976).

Nesse período as mulheres da elite eram consideradas o modelo ideal a ser seguido, tornando-se referência para julgamentos das mulheres de classes populares, porém, as mulheres de classes mais baixas contribuíam com a mão-de-obra industrial, e não se enquadravam no modelo idealizado da sociedade. Somente as mulheres eram o alvo da normatização, em todos os âmbitos. Os homens da elite não concordavam com o trabalho feminino, e desejavam a divisão do público e privado, porém, diferente das mulheres de elite, as mulheres de classes mais baixas exerciam atividades nos comércios e indústrias, por isso se explorava o trabalho feminino com altas jornadas e pequenos salários, com a justificativa de que elas necessitavam desse trabalho para sobreviver. Com as explorações do trabalho feminino e infantil, o movimento operário protestou contra, pregando a construção de uma sociedade justa e livre (PEDRO; RAGO; DEL PRIORE, 2004).

É de suma importância ressaltar que o privado e o público são diferenciados a partir de concepções ideológicas, ou seja, os papéis sociais são atribuídos baseados na sexualidade e gênero determinados pela ideologia patriarcal, na qual o homem, sujeito de autoridade transita sobre as questões sociais, políticas e econômicas e restringe a mulher a esfera privada, doméstica do lar (NOVAES, 2015).

A estrutura dominante da sociedade e suas necessidades e valores que determinam os papéis e padrões para os membros familiares (BADINTER, 1985). Demonstrando que a realidade da mulher em outros países eram semelhantes as mulheres no Brasil.

As mulheres mais pobres tinham uma trajetória diferente das mulheres de classes mais altas, visto que elas necessitavam trabalhar para o sustento familiar, deste modo, elas partiam para a vida pública, defendendo os direitos das mulheres de mesma classe, como por exemplo a luta por creches, transportes escolares, escolas mais próximas, e na construção de uma cidadania de direito (NOVAES, 2015).

Portanto, é possível verificar que independente do cenário social, as mulheres eram submetidas a inúmeras violências, sendo elas físicas ou simbólicas. A hierarquia e a estrutura patriarcal são presentes ainda na atualidade, apesar de todo desenvolvimento da sociedade e diversas conquistas das mulheres, são atribuídas as mulheres papéis sociais e padrões a serem seguidos.

Segundo Beauvoir (2019a, p. 17) “[...] no momento em que as mulheres começam a tomar parte da elaboração do mundo, esse mundo é ainda um mundo que pertence aos homens.” Ou seja, embora toda evolução na condição da mulher na

sociedade e o reconhecimento dos seus direitos, a igualdade entre homens e mulheres nunca existiu, uma vez que, ainda, os homens ocupam maior número de lugares, os postos mais prestigiados, maiores salários (BEAUVOIR, 2019a).

Por esse motivo, surgiram os movimentos feministas, composto por feministas liberais, escritoras, libertárias, anarquistas, comunistas, socialistas e alguns apoiadores dos movimentos. A demanda dessas mulheres era o trabalho fora do lar com boas condições e salários, educação profissional, acesso à cultura, direito ao voto e o divórcio (RAGO, 2004). Os movimentos feministas auxiliaram na emancipação das mulheres, sendo possível refletir sobre gênero e desigualdade, passando a compreender a mulher como um sujeito que sente e tem direitos.

As lutas feministas representavam o contexto histórico, socioeconômico e político, e também a inserção da mulher nos espaços públicos, a construção de uma identidade feminina, e a participação ativa da mulher na sociedade. Nesse período, ocorreu a revolução sexual e da sexualidade feminina, mulheres passaram a descobrir o prazer e apresenta-lo uma para as outras, pois até esse período, sexo era apenas para reprodução, e a partir dessa revolução, surge novos modo de se relacionar, o tabu social da virgindade passa a ser questionado, e a mulher começa a se apresentar como um sujeito de desejos e necessidades que precisam ser satisfeitas (EMIDIO, 2011).

Conforme cita Beauvoir (2019b) “[...] não há, para a mulher, outra saída senão a de trabalhar pela sua libertação”. Ou seja, para se livrar de imposições sociais e conquistar uma igualdade efetiva em relação ao homem, as mulheres precisam lutar coletivamente.

Com a representação de feministas no Congresso Nacional foi criado o Estatuto da Mulher incorporado a Constituição de 1934, esse projeto de lei se dividia em estatutos políticos, econômicos-sociais, civil comercial e penal da mulher. Os benefícios concedidos eram o aumento da licença especial próximo ao parto, de três meses, um aumento no salário durante esse período, além disso, o artigo 11 do Decreto nº 21.417 garantia alguns direitos as mulheres trabalhadoras, como o período para amamentação para o filho, e a instalação de creches no local de trabalho. Porém, ao tentar proteger a mulher em excesso, esses direitos dificultaram o trabalho feminino, fazendo com que as mulheres se tornassem vulneráveis, aumentando a justificativa para a desigualdade salarial, e até mesmo o desemprego das mulheres

(SAFFIOTI, 1976).

A partir da década de cinquenta em consequência ao fim da Segunda Guerra Mundial, houve um aumento das possibilidades educacionais e profissionais para as mulheres, além disso, a democracia e a participação da mulher eram fortalecidas no discurso político. As melhores condições de vida, o otimismo e esperança do país, diminuiu a distância entre homens e mulheres. E mesmo o casamento sendo um padrão de realização social, já não cabia mais aos pais escolherem o futuro marido, mas a sua aprovação era importante (BASSANEZI, 2004). Portanto, tal movimento foi importante para que mulheres brasileiras reconhecessem que a luta era por igualdade aos homens, de salário, de oportunidade, de direitos, etc. (SAFFIOTI, 1976).

Entretanto, o patriarcado e a distinção entre os papéis ainda eram bem definidos, os preconceitos sobre o crescimento da mulher nas esferas públicas ainda existiam (BASSANEZI, 2004).

De acordo com Beauvoir (2019a) os conservadores utilizavam da religião, filosofia, teologia, e até mesmo da ciência biológica e psicológica para tentar provar a inferioridade da mulher, eles continuavam enxergando a emancipação feminina como uma ameaça a moral e aos interesses.

No ano de 1975 no Brasil com a mobilização de mulheres foi um marco muito importante, foi quando a ONU decretou o 'Ano Internacional da Mulher'. Essa data possibilitou que as mulheres da época pudessem refletir sobre sua posição na sociedade, na cultura e na economia do país (BAPTISTA, 1995).

A partir dos movimentos feministas, inicia-se a diferenciação de homens e mulheres em suas atividades por meio de suas relações e interações e não mais por atributos biológicos.

A identidade feminina por muito tempo foi construída por diversas perspectivas, cultural, religiosa, social, biológica e masculina, sempre colocando a mulher em posições inferiores na sociedade, e mesmo com suas lutas, ela não era reconhecida por sua identidade, por conta de querer ser inserida nos ambientes que os homens frequentavam, então, sua identidade ainda era pautada na figura masculina, portanto, a mulher constrói sua identidade diariamente, a partir das suas conquistas, transformações e reconhecimentos sociais (EMIDIO, 2011).

Portanto, é possível identificar que as mulheres brasileiras lutam a décadas pelos seus direitos e igualdades, porém, essa luta se diferencia bastante em relação

a classe social na qual a mulher se insere, visto que as mulheres mais pobres, iniciaram as lutas por não se enquadrarem no ideal de mulher, uma vez que elas necessitavam trabalhar para o sustento de sua família. E apesar dos inúmeros direitos conquistados pelas mulheres em geral, os cuidados da casa e família ainda são responsabilidade da mulher na atualidade, fazendo com que ela fica sobrecarregada com a dita vida 'pública' e 'privada'. Segundo Fidelis e Mosmann (2013) a mulher que desvia do padrão esperado pela sociedade, é vista com desprezo e desconfiança, uma vez que espera-se que a mulher cumpra o papel de dona de casa, mãe e esposa.

A baixa capacidade de crítica no Brasil, afasta do conhecimento das mulheres as teses feministas, que resumidamente prega a igualdade social para ambos os sexos, essa cultura majoritariamente conservadora divide as mulheres em femininas e feministas, por isso, grande parte das mulheres tem atitudes contrárias aos seus direitos, pela falta de conhecimento (SAFFIOTI, 2011).

## 2.2 MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL

No decorrer da história no Brasil e do mundo é possível identificar a naturalização dos papéis femininos, principalmente ao papel materno, a maternidade é vista como complemento na identidade feminina, o modelo de família consistia em um pai provedor, uma mãe dona de casa e os filhos (FIDELIS; MOSMANN, 2013). Ser mulher, sempre esteve relacionado a ser mãe, pontuando que seria o único caminho para alcançar uma maturidade (EMIDIO, 2011).

É interessante ressaltar, que segundo alguns autores, a maternidade em outros períodos, não era vista como atualmente. No século XVIII por exemplo, a maternidade não era tão valorizada, e as mães não possuíam grandes vínculos com os seus filhos, e muitas vezes os entregavam para os cuidados de amas. Essa diferenciação era consequência de como a infância e as crianças eram reconhecidas naquela época, por exemplo como 'criaturas chatas e irritantes, que davam muito trabalho' (BADINTER, 1985; DEL PRIORE, 2004; EMIDIO, 2011).

A maternidade foi normatizada na sociedade, do mesmo modo em que no decorrer da história foi designado os papéis sociais, primeiramente por uma moral

religiosa, e depois pelo discurso médico (VÁSQUEZ, 2014).

Assim sendo, infância e maternidade foram concepções construídas socialmente, a partir de interesses políticos sobre a criança e seus cuidados, essa mudança ocorreu por conta da necessidade de diminuir as taxas de mortalidade infantil para que em um futuro próximo tivessem mão-de-obra industrial, e também, por ideias humanitárias da importância da relação mãe e filho e a exaltação familiar (EMIDIO, 2011).

No início do século XX, até meados dos anos de 1970, no Brasil a valorização da maternidade foi uma forma de separar mulher branca da vida pública, colocando-a como responsável pelo lar e pelos filhos, afastando-a dos interesses políticos, econômicos e sociais, sendo a mulher impedida de exercer seus direitos. Nesse período, a maternidade era naturalizada nos casamentos, era uma forma da mulher desenvolver sua identidade feminina (MACHADO et al., 2019).

No cenário brasileiro, como comentado, as classes em que as mulheres pertenciam diferenciava suas experiências, por exemplo, as mulheres negras e escravas, além de serem usadas como fonte de prazer do homem branco, era também usadas como investimento, sua gravidez era uma oportunidade para aumentar o número de escravos (ZANELLO; PORTO, 2016).

Ao naturalizar a maternidade e colocar a mulher em uma posição de servidão à sociedade e procriadora, sem direito a voz e questionamentos, anula-se o desejo feminino, e o sujeito ali presente (COLARES; MARTINS, 2016).

Com a valorização social da maternidade, as mulheres começaram a se responsabilizar pelos cuidados dos filhos, pela educação deles e a organização do lar, pois, conseqüentemente elas eram mais valorizadas em seu lar (EMIDIO, 2011). Conforme Badinter (1985), as mulheres acreditaram em uma possibilidade de igualdade em relação aos homens, visto que somente elas poderiam realizar essa tarefa, à maternidade, desse modo, ser mãe era considerado uma importante realização humana.

Com isso, elas passaram a acreditar que a maternidade estava intrinsecamente ligada ao feminino. Nesse período, muitos autores escreveram manuais e teorias

sobre a importância dos cuidados maternos, o desenvolvimento infantil, etc. A maternidade passa a ser idealizada como uma vocação feminina, e a mulher foi privada de outras atividades que pudessem tirar a sua atenção em relação ao seu filho (EMÍDIO, 2011). Os cuidados eram de responsabilidade das mulheres, os cuidados dos filhos, do lar, do marido, etc. Por acreditar ser naturalmente o 'dom' da mulher, o de cuidadora (ZANELLO; PORTO, 2016).

Por consequência de tamanha incumbência de ser uma mãe perfeita e devota, o fracassar nessa missão levava a culpa e a condenação dessas mulheres, e os comportamentos futuros desse filho eram também de sua responsabilidade, por não ter educado direito (BADINTER, 1985).

E a figura paterna era vista como incapaz de cuidar dos filhos por trabalhar fora de casa, por ser uma tarefa delicada, e por compreender como um instinto feminino (BADINTER, 1985). Ausentam-se a figura masculina, pois não se esperam uma responsabilidade e dedicação com os filhos (ZANELLO; PORTO, 2016).

Entenda-se que a maternidade foi construída socialmente, ela varia de acordo com a história, os padrões e os interesses políticos, econômicos e sociais, não sendo o amor materno algo inato, instintivo e inerente a mulher. Podendo esse sentimento existir ou não, ser forte ou frágil, é variável e adicional (BADINTER, 1985).

As identidades são construções culturais e mutáveis, a identidade de gênero, portanto também é estruturada de acordo com a história da sociedade, assim sendo o indivíduo é constituído conforme suas relações e interações (MACHADO et al., 2019). A maternidade tem diferentes significados, conforme o contexto, é importante compreender que com o passar dos anos e as mudanças históricas às mulheres foram ressignificando a maternidade, sentindo-se menos atraídas pela maternidade e cuidados domésticos.

O modo em que a sociedade se constituía, além de naturalizar a maternidade ao feminino, ela se pautava em práticas de segregação, desconsiderando o desejo feminino, suas escolhas e toda a complexidade do sujeito e da sociedade (COLARES; MARTINS, 2016).

No final do século XX no Brasil, houve uma mudança na percepção do papel feminino, antes atrelado a maternidade, família e submissão ao homem, depois, mesmo que a maternidade ainda era passada como uma realização pessoal da mulher, a mulher tinha de se preocupar em ter uma carreira profissional e dar uma atenção a si mesma (ZANELLO; PORTO, 2016).

Os movimentos feministas contribuíram para desnaturalização da maternidade, mesmo que ainda no início do movimento, a maternidade era naturalizada pelo próprio movimento, mas no fim do século XX as feministas se denunciaram a dominação dos corpos femininos (VÁSQUEZ, 2014).

Diante das mudanças da sociedade, dos movimentos sociais e das lutas feminista, o resultado foi a estruturação de uma identidade feminina, pautada nessas vivências individuais e coletivas. Essa identidade feminina passou por diversas instâncias e processos de subjetivação (MACHADO et al., 2019).

Todavia, vincular o amor materno ao sexo feminino, sobrecarregando a mulher com todos os cuidados exigidos por uma criança, por coloca-la como única responsável, a evolução do papel social e profissional da mulher, fez com que a maternidade passasse a ser questionada, pois ser mulher é subjetivo e composta por desejos (EMIDIO, 2011).

E a maternidade possui diversas facetas, sendo elas apontadas como símbolo de opressão do desejo feminino, uma realização ou uma experiência da mulher, além disso, ela faz parte de um tipo de organização institucional familiar, assim sendo possível compreende-la como um símbolo que foi construído historicamente, decorrentes de relação de poder, de um sexo sobre o outro (SCAVONE, 2001).

Devido aos questionamentos em relação a maternidade, a mulher passa a fazer escolhas sobre a sua posição na sociedade, todo esse processo favoreceu a mudança nas formas de construção de identidade e subjetivação (MACHADO et al., 2019).

O conhecimento acerca da história da maternidade é fundamental para o desenvolvimento de debates em relação a história da mulher e o rompimento com as noções culturalmente estruturadas na sociedade (VÁSQUEZ, 2014). É possível identificar que o rompimento com o determinismo biológico foi um dos aspectos mais importantes para a transformação da maternidade (SCAVONE, 2001).

### 2.3 MULHER E NÃO-MATERNIDADE

O ser humano está em constante transformação, seu desenvolvimento abrange aspectos físicos, cognitivos e psicossociais. Deste modo é importante ressaltar que o modo que o indivíduo lida com as questões de cada fase pode variar, devido as diferenças individuais. O início da vida adulta, começa aos 20 anos e segue até os 40

anos, e a fase adulta intermediária se refere a faixa etária dos 40 aos 65 anos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Segundo Papalia e Feldman (2013) para ser considerado adulto, o indivíduo deve ser responsável por si mesmo. E a maturidade psicológica depende de diversos fatores, como desenvolver a própria identidade, independência, desenvolver seus próprios valores e relacionamentos (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Em relação ao desenvolvimento cognitivo e psicossocial, o início da vida adulta é marcado escolhas e decisões direcionadas ao futuro profissional e pessoal, baseadas em experiências vividas pela pessoa. Já na fase adulta intermediária é um período que pode ocorrer sucesso ou mudança na carreira profissional e o processo de identidade continua a se desenvolver (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Para compreender o ser humano ao longo do seu desenvolvimento, devemos considerar as influências fatores históricos-culturais que atuam as pessoas (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Ao associar a feminilidade ao papel materno, as mulheres foram discriminadas, não podendo se incluir socialmente nas esferas públicas, pois suas capacidades foram negadas (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012).

Entretanto por consequência da emancipação feminina, da liberdade sexual, os conceitos de família, conjugalidade, maternidade, paternidade foram modificados, alguns modos tradicionais prevalecem, mas houve inúmeras alterações, por exemplo, sexualidade- procriação, maternidade- feminilidade e as diversas formas de se relacionar em uma família (homoafetiva, monoparental, entre outras). Por conta dos avanços tecnológicos, sexualidade e procriação não se complementam mais, pois existem métodos contraceptivos para evitar uma gravidez indesejada, e também é possível ter filhos, sem precisar se relacionar sexualmente, sem ao menos ter um parceiro ou parceira (RIOS; GOMES, 2009).

As mudanças nos papéis das mulheres vem ocorrendo desde o século XVII, nesse século a mulher era designada a casar, procriar e a cuidar do lar e dos filhos, ou seja, o papel feminino já era estabelecido. Hoje a mulher pode escolher quais funções quer desempenhar, optando por ser mãe ou não, o fim do século XX foi decisivo para mudança da percepção sobre a família (FIDELIS; MOSMANN, 2013).

Ser mulher é complexo, por isso deve-se considerar toda história feminina, as mudanças no papel social, sua identidade, autonomia, e suas escolhas diante das

exigências sociais, como por exemplo a recusa da maternidade obrigatória. Quando a maternidade passa a ser uma escolha, a identidade da mulher se transforma, rompendo com valores antigos que foram construídos socialmente e criando uma nova história para as mulheres (MACHADO et al., 2019).

Mulheres tiveram sua capacidade questionada, privando da vivência pública, restringindo para as obrigações domésticas e maternas. As mulheres foram afastadas dos negócios, dificultando a busca por uma carreira profissional. Apesar de hoje já existir um processo acelerado de transformações no papel masculino e feminino, ainda continuam presentes as cobranças na mulher/mãe (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012).

Atualmente existem diversas possibilidades para as mulheres, podendo atuar em diversos contextos da esfera pública, seguindo carreiras e profissões de prestígio no mercado de trabalho, e muitas das vezes sendo a fonte de renda principal da sua família (PATIAS; BUAES, 2012). A escolha pela vida profissional e carreira relacionado ao adiamento da maternidade é um fenômeno presente nos dias de hoje, pois muitas mulheres não querem interromper sua carreira para experimentar a maternidade (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

A opção da carreira profissional ao invés da maternidade é somente um dos aspectos presente nos cenários mundiais, pois muitas mulheres conciliam profissão, casamento e maternidade, porém, a cobrança social em desenvolver todos esses papéis é elevado para as mulheres, por isso, para algumas mulheres, conciliar casamento, maternidade e profissão é um desafio, pois além da pressão social, a maternidade em si exige muito da mulher (PAPALIA; FELDMAN, 2013). Conforme cita Smeha e Calvano (2009, p. 216):

[...] afirmar que o trabalho substitui a maternidade, seria uma forma ingênua e simplista de compreender essa relação. Os dois caminhos se constituem investimentos e satisfação que estão em prol da ilusão de completude de uma mulher e assim, se a impossibilidade se inscreve por uma via, hoje, ao lado se encontra a outra, oferecendo diferentes vivências com semelhantes gratificações.

Segundo Baptista (1995) não se deve ter que escolher entre trabalho ou maternidade, uma escolha não deveria excluir a outra, pois a maternidade não deve dificultar a profissão e nem a profissão dificultar a escolha da maternidade, porém, será que a mulher que trabalha e tem filhos, consegue se realizar integralmente em ambos?

A escolha da maternidade envolve aspectos subjetivos, sociais, afetivos, além de um planejamento, investimento financeiro, e o desejo de ambos, pois é uma escolha que demanda responsabilidade, cuidado e motivação (SMEHA; CALVANO, 2009). Diferente de outros planejamentos, escolher ter um filho, mudará a vida da mãe e do casal, pois, a vida privada ainda é majoritariamente de responsabilidade das mulheres também, por isso, ela fica mais sobrecarregada com a multiplicidade de papéis.

A escolha pela maternidade envolve planejamento a dois, responsabilidade e compromisso com a nova vida que está por vim, e segundo Mansur (2003) a falta de motivação do parceiro contribui pela decisão de não ter filhos.

Segundo Cerveny e Berthoud (2010) a ‘Fase de Aquisição’ refere ao período que se inicia a união de um casal, com diferentes mudanças na dinâmica da vida familiar, assim, constituindo o processo de construir uma família, adquirindo bens materiais, estabelecendo um estilo de vida e padrões de interação. E nessa fase do ciclo que o casal planeja o estilo de vida que deseja ter, a decisão de ter ou não filhos é um processo que envolve desejos e decisões do casal, independentemente se uma gravidez foi planejada ou não, pois ter ou não filhos impacta em questões como assumir ou não uma relação ou dedicar-se à carreira profissional em vez de um filho (CERVENY; BERTHOUD, 2010).

A não maternidade não está relacionada apenas a traumas ou experiências negativas, mas ligada ao próprio desejo e modo de enxergar o mundo. Com autonomia sobre seu corpo, sexualidade e vida a mulher assume o não desejo de ser mãe com mais tranquilidade, exercendo sua própria liberdade de escolha (MACHADO et al., 2019).

Os inúmeros papéis desenvolvidos pela mulher, a fragilização dos laços matrimoniais e a falta de condições apropriadas, o compromisso pelo qual a mulher é responsabilizada interferem na escolha da maternidade. A mulher que tem filhos é responsável integralmente pelo desenvolvimento da criança, acarretando em renúncias da vida pessoal, profissional e de carreira (PATIAS; BUAES, 2012).

O casamento e a maternidade já não são o único destino das mulheres, diante de tantas transformações sociais, como a família, casamento, paternidade, maternidade e mundo do trabalho feminino, a mulher tem a possibilidade de se auto inventar (RIOS- LIMA, 2012).

De acordo com Mansur (2003) a escolha da mulher por não ser mãe está relacionado com a sua história de vida, com seus medos, desejos, e outros fatores que interagem a esse cenário sociocultural. A (in)decisão pela maternidade de construir um futuro sem a experiência materna se apresenta de modos subjetivos diferentes para as mulheres, algumas já estão decididas quanto não serem mães, outras não definiram essa escolha ainda (SMEHA; CALVANO, 2009).

A mulher conquistou um espaço muito amplo para ser vivenciado nos dias de hoje, isso inclui estudo, profissão, casamento, com isso, ela se afasta da imagem de mulher tradicional, que cumpre apenas o papel de mãe e esposa, a mulher atual assume diversos papéis sociais, podendo escolher e questionar algumas escolhas (SMEHA; CALVANO, 2009).

As justificativas pela não escolha da maternidade são diversas, independência financeira, desejo de liberdade, os medos, a falta de identificação materna, a preocupação com a imagem corporal, carreira, profissão, etc. (SMEHA; CALVANO, 2009; RIO; GOMES, 2009).

Com o surgimento de métodos contraceptivos, as mulheres passaram a refletir sobre a questão da maternidade (FIDELIS; MOSMANN, 2013). Muitos fatores influenciam na escolha das mulheres por não terem filhos. De acordo com Patias e Buaes (2012) na contemporaneidade há um novo sentido para as vivências das mulheres, atribuindo diversos significados a maternidade, 'e ser mãe nas sociedades em que vivemos hoje tornam incertezas e transitórias as identidades sociais'. A partir da escolha de não ter filhos, a mulher se reconhece representada de outras formas diferentes, negando o discurso de destino materno (PATIAS; BUAES, 2012).

Identifica-se a necessidade de ressignificar da mulher na sociedade, uma vez que muitas mulheres estão priorizando outros projetos, não incluindo o desejo materno (COLARES; MARTINS, 2016). Segundo Barbosa e Rocha-Coutinho (2007) a maternidade é ainda muito presente da vida das mulheres, porém, as mulheres começaram a se questionar sobre a escolha da maternidade, com isso, vem diminuindo a quantidade de filhos, principalmente de mulheres pertencentes a classe média.

É de suma importância ressaltar que a maternidade possui um peso histórico, talvez por isso, muitas mulheres ainda desenvolvem esse papel, pela imposição social algumas mulheres deixam de questionar sobre suas reais motivações (SMEHA;

CALVANO,2009).

A mulher encontrou novos modos de satisfação, por conta do amplo cenário que a permeia, e as inúmeras conquistas, pois atualmente a mulher pode ser a protagonista da sua própria história, escolhendo e decidindo sobre o sua vida. A maternidade deixou de ser a única realização feminina (SMEHA; CALVANO, 2009). Ao escolher pela não-maternidade, as mulheres demonstram uma mudança nos valores sociais e um controle sobre sua própria vida.

De acordo com Badinter (1985) o amor materno é um mito, segundo a autora, esse sentimento vai sendo conquistado conforme a convivência com a criança, ou seja, o amor materno não é instintivo, ele foi construído socialmente. A maternidade ganhou esse valor social que vemos na atualidade somente a partir do século XVIII, antes disso, ela não tinha esse significado de importância, como algo natural e inerente a mulher.

Contudo, apesar dos avanços da sociedade, a mulher que não escolha ser mãe, na maioria das vezes é estigmatizada, descrita como anormal, ou que possui algum problema psicológico, ocasionando sentimentos de exclusão social por desviar de um padrão normativo da sociedade, que é a maternidade (MANSUR, 2003).

Deste modo, algumas mulheres não se sentem muito à vontade em assumir a não maternidade, as justificativas da escolha para essas mulheres englobam o fenômeno da maternagem, está relacionado ao afeto e desejo de cuidar de outras pessoas, não sendo biológico como a maternidade. Se disponibilizando de cuidar de sobrinhos, afilhados, pais, avós, ou até mesmo se dedicando a educação. Ou seja, a sociedade cobra esse papel materno das mulheres mesmo quando não tem filhos. Por isso é importante ressaltar que a maternagem também é uma construção social, que pode causar certo desconforto a mulheres que não desejam ser mães (MACHADO et al., 2019).

Na sociedade, sentimentos negativos em relação a maternidade não bem vistos (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012), a maternidade é idealizada, por conta disso, mulheres que decidem por não serem mães sofrem preconceitos, e mulheres mães quando discutem sobre a maternidade real, com falhas, também sofrem desse preconceito. Por isso, segundo Barbosa e Rocha-Coutinho (2012) falam sobre a importância da problematização sobre a imposição e idealização da maternidade.

A mulher independente fica dividida entre suas ambições e seu destino sexual

(maternidade). A mulher que não se conforma com os moldes impostos pela sociedade, é desvalorizada sexualmente e socialmente. Deste modo, a mulher que se liberta é vista como revoltada (BEAUVOIR, 2019b).

Além da exigência social da maternidade, a mulher é cobrada de desempenhar um papel materno sem falhas, impedindo a mulher de se realizar em outros âmbitos, esse contexto gera sentimento de culpa na mulher (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

Todavia a maternidade leva ao surgimento de sentimentos ambivalentes, uma vez que a procriação é um discurso internalizado, e desde criança existe uma idealização da maternidade nas brincadeiras das meninas, por isso, contrariar esse padrão é difícil, pois ao mesmo tempo que a mulher tem a liberdade decidir, ela tem de lidar com as consequências dessa decisão (FIDELIS; MOSMANN, 2013).

De acordo com Mansur (2003), mulheres que têm certeza sobre a decisão de não serem mães, são consideradas “mulheres transformadoras” ou “manifestantes precoces” que enfrentam os desafios de assumir que levarão uma vida diferente daquela esperada socialmente.

Conforme Rios e Gomes (2009) a decisão de não experienciar a maternidade é vista como patologia, falta de saúde, egoísmo, além de falta de responsabilidade com a população, como se ter filhos fosse um dever social. A mulher e/ou o casal que escolhe por não ter filhos sofre de preconceitos e pressões sociais, além de serem estereotipados.

Segundo Badinter (1985), não é universal o desejo feminino por ter filhos, pontuando que a escolha da maternidade “é a decisão mais perturbadora que um ser humano é levado a tomar na vida”. Por isso, ao escolher pela não-maternidade, a mulher vivencia desafios e sofrimentos.

A sociedade ainda age com estranheza a mulher que escolhe por não ser mãe. Portanto, é de suma importância que a mulher que decidiu pela não maternidade tenha uma rede de apoio composta por pessoas que respeitem a sua opção, uma vez que o processo de decisão costuma ser intenso e de muito preconceito, esse apoio social auxilia no enfrentamento desses desafios e auxiliam na superação de momentos ruins e na troca de experiências, essas interações contribuem para uma melhor qualidade de vida e bem-estar social (FIDELIS; MOSMANN, 2013).

De acordo com Zanello e Porto (2016), os sentimentos de ambivalência quanto a maternidade e o não desejo de ser mãe, não são representados na nossa sociedade,

por exemplo na mídia. Demonstram-se uma maternidade perfeita, no qual a sobrecarga da mãe e sua multiplicidade de papéis não aparecem. Assim sendo, as mulheres sentem-se culpadas por essa ambivalência, desde ser ou não ser uma boa mãe, até de não escolher ser mãe, ou de se arrepender em ter filhos, ou de não se disponibilizar a cuidar dos outros.

Conforme Badinter (1985), a partir do momento que se naturaliza a maternidade, toda exceção a norma é vista como patologia. Por isso, as mulheres apresentam dificuldade em assumir a não-maternidade, uma vez que se pode trazer diversos questionamentos acerca dessa decisão, vinculando-se aos papéis construídos socialmente, que por muito tempo, naturalizou a maternidade como destino das mulheres. E diante de tantos 'nãos' a maternidade, algumas mulheres esperam a limitação biológica para engravidar, para que essa decisão se concretize (SMEHA; CALVANO, 2009).

Para que se tenha uma compreensão sobre a não maternidade, é necessário que se conscientize a sociedade sobre as mudanças nos valores, e a importância de respeitar as mulheres que assim escolhem, por isso, desconstruir o ideal de mulher-mãe é algo complexo (MACHADO et al., 2019).

### **3 MÉTODO**

#### **3.1 TIPO DE PESQUISA**

O tipo de delineamento da pesquisa é estudo de caso. Segundo Gil (2002) o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que tem por objetivo se aprofundar em poucos objetos de estudo, para que permita o detalhamento do conhecimento, por isso, é considerada um estudo exaustivo, porém é muito utilizado nas ciências biomédicas e sociais.

O modelo de pesquisa é qualitativo, uma vez que proporciona construir novas abordagens e novos conceitos, permitindo a possibilidade de esclarecer a maneira como a população interpreta o modo de viver, sentir e pensar (MINAYO, 2014).

#### **3.2 LOCAL DA PESQUISA**

O local de aplicação do instrumento de coleta de dados se deu na residência das participantes, devido a uma melhor comodidade e facilidade aos participantes. A área geográfica da residência das participantes é a cidade de Taubaté, interior do Estado de São Paulo. As entrevistas foram realizadas na modalidade presencial e seguiram todos os protocolos estabelecidos pelo Ministério da Saúde (2021) para prevenção e combate a COVID-19, tais como, utilização de EPI (máscara de proteção), álcool em gel e distanciamento social.

#### **3.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA**

Foi utilizada nessa pesquisa a amostra por acessibilidade, definido por Gil (2008) como uma das amostragens menos rigorosa, selecionando os elementos que tem acesso, pressupondo que esses possam representar o universo. Esse tipo de amostragem se aplica aos estudos exploratórios ou qualitativos, onde não é solicitado elevado nível de precisão. E foi realizado um perfil socioeconômico dos participantes para melhor caracterizar a amostra que constava: idade, etnia, religião, estado civil, escolaridade, profissão, residência, endereço, renda individual e renda familiar (Vide Apêndice A).

Participaram dessa pesquisa um total de sete participantes, tendo como os seguintes critérios de inclusão: mulheres, do sexo feminino, idade de 20 a 45 anos, ausência de filhos voluntariamente, residentes do vale do Paraíba. Uma vez que a faixa etária de 18 e 20 anos é caracterizada pela transição da adolescência

para a fase adulta, sendo que aos 20 anos o indivíduo possui responsabilidades pelos seus atos e decisões. Considerando esses aspectos, o motivo pelo qual se escolheu a faixa etária de 20 à 45 anos, é que nesse período de vida, a mulher além de ser adulta, é moralmente responsável e independente (PAPALIA; FELDMAN, 2013).

As participantes foram recrutadas a partir da técnica de amostragem bola de neve (snowball sampling), a qual é definida por Biernacki e Waldorf (1981), como um tipo de amostra por referência, podendo o número de sujeitos serem definidos utilizando critérios de acessibilidade; experiência e envolvimento dos líderes em processos de avaliação institucional, o conhecimento, competências e habilidades sobre o objeto do estudo.

### 3.4 INSTRUMENTO

Para a coleta de dados foram utilizadas entrevistas semiestruturadas com onze questões que buscaram compreender a vivência de mulheres que escolheram pela não maternidade. As entrevistas foram gravadas em áudio com autorização registrada no termo de consentimento que foram entregues aos participantes. Após as entrevistas foram transcritas na íntegra as informações obtidas e após isso foram apagados os áudios. O roteiro de entrevista foi baseado nos objetivos desta presente pesquisa. (Vide Apêndice A).

A entrevista é um conjunto de técnicas de investigação que tem o objetivo de descrever e avaliar aspectos pessoais, relacionais ou sistêmicos (CUNHA, 2000).

### 3.5 PROCEDIMENTOS DE COLETA DE DADOS

Para realizar a coleta de dados deste estudo, o projeto de pesquisa foi submetido e aprovado com o Parecer nº 4.721.501 pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade de Taubaté – Plataforma Brasil (Anexo B).

Mediante a aprovação do comitê de ética, as participantes foram contatadas a partir da rede de contatos da pesquisadora e indicações dessa rede de contatos, e que se enquadrassem nos critérios de inclusão. Ao serem informadas sobre a pesquisa, foi esclarecido o objetivo da pesquisa, bem como sua contribuição ao participar, mediante a aceitação das participantes convidadas, foi agendado uma data, horário e foi anotado o endereço da residência das participantes para a realização de cada entrevista. Assim, que confirmado a entrevista previamente, o pesquisador

compareceu sozinho na casa do participante no horário estabelecido e levou o gravador de voz, o roteiro da entrevista e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

Antes de iniciar a entrevista, foi lido o que consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para que a participante estivesse ciente e mediante assinatura que corresponde como tal consentimento e compromisso, se iniciou o preenchimento do perfil socioeconômico e após foi realizada a entrevista com o gravador de voz, tendo como base um roteiro previamente estabelecido com base nos objetivos desta pesquisa. Após a transcrição na íntegra, o áudio foi apagado.

### 3.6 PROCEDIMENTO DE ANÁLISE DE DADOS

Após as coletas de dados, as entrevistas foram transcritas e foram feitas as análises do material obtido por meio da categorização.

A categorização é descrito por Gil (2008) como uma forma que o pesquisador consiga tomar decisões e tirar conclusões a partir da organização dos dados. Para isso é necessário a construção de um conjunto de categorias descritivas, que podem ser fundamentadas no referencial teórico da pesquisa.

A partir da análise foram criadas seis categorias: ser mulher, representação da maternidade, a escolha da não-maternidade, desafios em relação a escolha, influência da vida profissional, vivência e planejamentos.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

A apresentação dos resultados está organizada da seguinte forma: primeiramente um quadro com o perfil socioeconômico para melhor caracterizar a amostra em segundo lugar a discussão sobre os dados amostrais, e por último, a discussão dos resultados com as falas das participantes.

**Quadro 1:** Perfil socioeconômico

Identificação	Idade	Etnia	Religião	Estado Civil	Escolaridade	Profissão	Residência	Renda Familiar-Salário Mínimo (SM)
P1	23	Branca	Não possui	Solteira	Pós-Graduada	Pedagoga	Taubaté-SP	Acima de 5 SM
P2	30	Branca/parda	Cristã	Solteira	Pós-Graduada	Bióloga	Taubaté-SP	3 a 5 SM
P3	24	Branca	Cristã	Solteira	Superior cursando	Auxiliar de Dentista	Taubaté-SP	3 a 5 SM
P4	29	Branca	Católica	Solteira	Superior completo	Advogada	Taubaté-SP	Acima de 5 SM
P5	38	Branca	Católica	Casada	Pós-Graduada	Publicitária	Taubaté-SP	Acima de 5 SM
P6	32	Branca	Espirita	Solteira	Superior Cursando	Atendente	Taubaté-SP	Acima de 5 SM
P7	32	Branca	Não possui	União Estável	Superior completo	Engenheira ambiental	Taubaté-SP	Acima de 5 SM

Fonte: Autoral (2021)

É possível identificar uma faixa etária dos 23 aos 38 anos, sendo que duas estão na faixa etária de 20 a 25 anos, duas na faixa etária de 26 a 30 anos, duas na faixa etária dos 30 a 35 anos e uma na faixa etária dos 36 a 40 anos. Segundo Papalia e Feldman (2013) a faixa etária de 20 a 40 anos é compreendida como início da vida adulta, sendo ela caracterizada por um pensamento e julgamento mais complexo, nessa fase são realizadas escolhas e decisões sobre vocações, relacionamentos e estilos de vida.

A maioria das participantes se identificam como brancas, a religião varia entre católica, cristã, espírita e duas participantes não possuem religião, o estado civil da maioria das participantes é solteira, sendo somente uma casada e uma em união estável.

Observou-se também que todas as participantes possuem escolaridade variando de superior cursando a pós-graduada. A renda mensal familiar da maioria das participantes é maior que cinco salários mínimos. Segundo o IBGE (2018), o nível educacional está relacionado a renda domiciliar mensal, uma vez que a maior porcentagem (20%) de acesso ao nível superior se dá por jovens de 18 a 24 anos com maiores rendimentos mensais, enquanto apenas 7,4% dos jovens mais pobres estavam nessa situação. Além disso, segundo dados do PNAD, acima dos 25 anos apenas 16,5% da população brasileira possui ensino superior completo.

## 5 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A discussão dos resultados está organizada por seis categorias de análises, da seguinte forma: serão apresentadas as categorias com base nos objetivos específicos, depois serão apresentados os relatos das participantes e após será discutido com base na literatura as falas das mesmas.

### **Categoria 1: Ser mulher**

Nessa categoria foi analisado como as participantes atribuem o significado de 'ser mulher'.

#### **Quadro 2 - Relatos das participantes**

P1	<i>“ Ser mulher na sociedade está muito atrelado com o machismo que a gente vive, então, em uma sociedade patriarcal, ser mulher está ligado ao servir o patriarcado, servir ao homem. Agora ser mulher quanto eu acredito, quanto né, pra mim é um ser forte da natureza, um ser que resistiu e sobreviveu, apesar de muitas experiências dizimadas pelo meio do caminho, a mulher resiste e persiste, e, é um ser forte na sociedade.</i>
P2	<i>“ Eu acho que ser mulher é um presente assim, embora a gente tenha muitos problemas, problemas diários, a gente tem que enfrentar a vida de uma maneira diferente, a gente nasce assim com aquela coisa tipo ai já não sou homem, já to nascendo mais difícil, mas isso faz a gente crescer mais</i>

	<i>cedo, faz a gente aprender a lidar com a vida de uma maneira as vezes mais pratica mas as vezes com mais carinho, porque eu acho necessário esse carinho também, eu acho que é isso, ser mulher acho que é essa a importância da mulher para o mundo assim, eu gosto de ser mulher.”</i>
P3	<i>“Nunca parei pra pensar sobre isso, mas eu acredito que ser mulher hoje em dia é uma maneira mais complexa do que anteriormente, até antigamente a sociedade era muito machista hoje existem muitas pessoas que acabam dizendo sobre o feminismo onde as mulheres estão se colocando no mercado e com outras questões, mas acaba que de certa forma existe um grande preconceito ainda, acredito que a gente tá ganhando espaço aos poucos, mas ainda tem muita coisa pra acontecer.”</i>
P4	<i>“Luta, luta constante luta no mercado de trabalho na sociedade, luta para conseguir um espaço individual no mundo sem se associar a nenhum outro gênero né, o gênero masculino, sem se associar a alguém do sexo masculino.”</i>
P5	<i>“Pra mim ser mulher é fazer várias atividades ao mesmo tempo e sem pensar planejado o que você vai fazer agora e o que você vai fazer depois.”</i>
P6	<i>“Ai, parece que é tudo mais sofrido ser mulher né, mais difícil, tem que batalhar mais, correr mais atras, correr em dobro, acho que é isso também, mas tem mais força também eu acredito nisso, que, não sei se é pelas lutas que a gente tem que ter que a gente aprende que tem que ser mais forte né, mas eu acho que é isso.”</i>
P7	<i>“Ah, ser mulher é ser batalhadora, muito trabalhadora, e a gente assume muitas responsabilidades tanto no lar, tanto no trabalho que o sexo masculino não teria, ele não teria, eu vejo o principal sentido de ser mulher é ser forte mesmo, forte trabalhadora e muito batalhadora.”</i>

Fonte: Autoral (2021).

As participantes pontuaram no geral que ‘ser mulher’ pode estar relacionado a: ser forte, resistente, persistente, crescer mais cedo, correr em dobro, lutar, mais complexo, mais sofrido, mais difícil, fazer várias atividades de modo mais prático, ser batalhadora e trabalhadora. Foi possível analisar que um significado de ser mulher que converge nestas falas está relacionado com batalhar para conquistar, uma vez

que a mulher seja hierarquicamente inferior ao homem, vai depender da sua batalha para sentir-se, talvez, no mesmo nível que os homens.

O sentimento de que a existência da mulher está associada ao do homem na fala da P4 e que ser mulher está ligada a submissão ao homem em uma sociedade machista e patriarcal no relato da P1 pode ser analisado de acordo as ideias de Cerveny (2007) quando se refere que pode haver uma dívida das mulheres para com os homens, por Eva ter sido feita por meio da costela de Adão, indicando que no decorrer da história deixou de ser 'a costela' e se tornou dotes materiais, estéticos e morais. Ou seja, a dívida da criação foi sempre cobrada pelos homens na trajetória da mulher, e ela era paga a partir do modo de se comportar, de dependência e submissão.

Para compreender o papel da mulher na sociedade, é necessário a compreensão dos caminhos percorridos na história da mulher, enfatizando a formação como sujeito, seus grupos e classes sociais. A mulher brasileira não era reconhecida como sujeito, ora era concebida como o sexo masculino invertido, ora como uma complementação do homem. Por isso, ainda atualmente, o inconsciente das mulheres liga-se aos costumes das gerações anteriores, no modo em que o sexo feminino é compreendido, associando-se ao poder social do homem (SILVA et al., 2005).

Quando as participantes relatam que ser mulher se relaciona a lutas, batalhas, pontuando ser mais difícil e mais sofrido, podemos analisar a história da mulher no Brasil, a qual foi marcada por discursos médicos, religiosos e políticos. De acordo com o autor a atribuição de papéis e imposições morais eram diferentes para as mulheres, e estava relacionado a sua estrutura física, biológica e justificativas sociais, como por exemplo, o modelo de sociedade da época (SILVA et al., 2005).

O que justifica esse peso colocado pelas participantes como sendo mulher, é que ainda hoje, segundo Rocha-Coutinho (2004) existe uma desigualdade nos papéis de gênero, as mulheres continuam a enfrentar dificuldades baseadas em estereótipos tradicionais de gênero.

Segundo Vieira (2005) o sujeito é resultado de acontecimentos históricos de modo subjetivo para cada pessoa, sendo estruturados por meio de valores e juízos que agregam nessa trajetória. Ou seja, a identidade feminina na atualidade remete-se ao passado das mulheres, o qual determinou a construção de papéis a serem atribuídos a cada gênero, e por esse motivo as mudanças sociais referentes a

identidade da mulher são mais complicadas e lentas, pois se relaciona a processos enraizados em preconceitos e crenças sociais (VIEIRA, 2005).

### **Categoria 2: Representação da maternidade**

Essa categoria teve como objetivo compreender o que a maternidade representa para as participantes.

#### **Quadro 3 - Relatos das participantes**

P1	<p><i>“Falando em sociedade pra mim também representa uma escolha do patriarcado, uma ideia de reprodução, de família, é a representação da igreja, de tudo o que é pregado, e tudo mais. Agora a maternidade, não sei, é o que a mulher gera dentro de si, é uma escolha, não, não é uma escolha, mas, não vejo como algo ruim, mas também não vejo como escolha cem por cento da mulher né, é isso, na sociedade que a gente vive, eu acho que é um fruto do patriarcado.”</i></p>
P2	<p><i>“Uma dificuldade absurda porque você ser mãe, um que biologicamente seu corpo vai mudar assim absurdamente, mas a gente sabe que nosso corpo é adaptado pra isso, e essa mudança é um negócio lindo, o poder a capacidade que a mulher tem por mexer todos os órgãos dentro dela, gerar uma criança, essa criança sair de dentro dela e não acontecer nada com ela, num parto normal numa gravidez normal isso é lindo, mas eu acho que a maternidade tem um peso muito grande com relação principalmente a sociedade, aquele lance de mulheres serem abre aspas obrigadas a ser mãe e ainda por cima você gerar uma criança, colocar uma criança no mundo, você ser responsável pela criação, caráter dessa criança, e você vai se cobrar esse tempo inteiro com isso. A sua vida mudar completamente por causa de uma criança, isso pra mim é uma coisa linda, pra quem nasceu pra isso.”</i></p>
P3	<p><i>“Nada, na realidade eu acredito que assim, existem pessoas que sim, nascem com esse dom dessa vivência, mas eu como nunca senti isso não é uma coisa que me atraia, acredito que é uma escolha, é uma escolha que a pessoa tem, tem situações que acontece mesmo a pessoa não querendo acaba por acontecer de vir um filho né, então é algo a ser muito pensado, sobre isso eu acho que é uma responsabilidade muito grande, ainda mais hoje em dia né, no mundo que a gente tá, eu particularmente assim pretendo</i></p>

	<i>ter a minhas coisas e acaba até talvez seja um pouco egoísta esse pensamento mas não gostaria de ser mãe.”</i>
P4	<i>“Eu acho a maternidade linda continuação da vida maravilhosa representa tudo de bom eu acho muito bonito.”</i>
P5	<i>“Pra mim a maternidade representa vários problemas, eu acho que a maternidade pra quem quer ser mãe deve ser muito bom, mas eu nunca quis ser mãe, ela pra mim não representa nada fofo do bebezinho representa despesa financeira, representa vinte e quatro horas pra cuidar de um bebê, ter problemas quando criança, quando adolescente, quando adulto.”</i>
P6	<i>“Ah, não representa muito não, tipo, eu sou apaixonada por criança assim, minha sobrinha é tudo, meu afilhado também, mas eu não me vejo tendo um filho meu pra eu cuidar sozinha, eu quis ser mãe já quando eu era mais nova, mas ai depois que eu tive meu afilhado, ele ta com sete anos, ai eu não sei se supriu a minha necessidade de ser mãe, porque eu cuidei bastante dele, ajudei bastante a minha cunhada, e agora eu não quero mais, nunca mais quis ter. Eu me previno de todas as maneiras para que isso não ocorra.”</i>
P7	<i>“Ah, pra mim significa continuidade da família, mas também é ceder todos, é deixar praticamente de ser mulher né, é você ser mãe, eu entendo dessa forma.”</i>

Fonte: Autoral (2021).

Podemos compreender que cada participante tem uma percepção sobre maternidade, mas no geral, elas pontuaram em suas falas admirar a maternidade para as mulheres que querem ser mães, como sendo algo bonito e continuação da vida, porém, para elas a maternidade é vista como um fruto do patriarcado, uma carga, responsabilidade, cobrança, muitos problemas, despesas financeiras, ceder e deixar de ser mulher.

Na fala da P1 ao se referir a maternidade como uma representação da igreja, e a P4 e P7 mencionar a maternidade como continuação da vida e da família. Podemos analisar que o ato de procriar fazia parte da crença católica no período colonial, como uma tentativa de domesticar as mulheres, pois elas eram vistas como perversas e fruto do pecado, e a procriação permitia a mulher se igualar ao homem, visto que ele era excluído do processo de gestação, e aos seres da natureza, tornando-a abundância da vida (DEL PRIORE, 1995).

Segundo Cerveny (2007) mesmo com as mudanças na família, ainda existem resquícios de crenças, valores e mitos das famílias de séculos passados. Essa citação nos permite analisar a fala da P2, quando ela se refere que a sociedade obriga as mulheres a serem mães, levando em consideração que essa imposição da maternidade ocorria no passado.

Apesar de atualmente a mulher ter controle sobre sua sexualidade e reprodução, ainda sobre o relato da P1, sobre a maternidade não ser uma escolha totalmente da mulher e da P2, a pressão social por ser mãe, podemos analisar segundo Scavone (2001) que o acesso à informação, conhecimento e cultura é o que facilita a mulher a refletir sobre a decisão de não ser mãe.

Foi possível analisar na menção que a P7 faz sobre a mulher tem de ceder para ser mãe, ou seja, deixar seus desejos de lado para exercer a maternidade, conforme Colares e Martins (2016), as mulheres são atravessadas por outros desejos e possibilidades, e reduzir a sua existência a ser mãe, é desconsiderar a mulher como sujeito.

### **Categoria 3: A escolha da não- maternidade**

Essa categoria teve como objetivo identificar quais os motivos das mulheres que escolheram por não serem mães e compreender o processo para essa escolha.

#### **Quadro 4 - Relatos das participantes**

P1	<p><i>“Acho que como eu trabalho com crianças, eu vejo e pude sentir o que é uma criança antes mesmo de eu poder escolher ter a minha, e vê que uma criança não é só uma escolha bonita de família, não é o resultado de um casamento perfeito, é, a criança é um ser né, um ser humano, não é um resultado de algo, ela é um ser novo, que as pessoas tem de ter muita responsabilidade pra trazer na terra, então eu acho que não, eu não quero essa responsabilidade, pra mim, a responsabilidade de educar um ser humano. E levando em consideração que a gente não vive em um melhor cenário, hoje morando no Brasil. Então, não acredito que mais uma criança, aqui no mundo, seria válido, com o que eu acredito. Eu não quero ter essa responsabilidade de colocar um filho no mundo, eu não quero ter que acordar um dia pensando, nossa, eu tenho um filho pra cuidar né, não posso me</i></p>
----	--

	<i>locomover sem pensar nisso antes, qualquer atitude vai refletir na vida daquele filho, e eu não quero essa responsabilidade pra mim.”</i>
P2	<i>“Eu acho que eu nunca tive talento para falar a verdade, pois desde que eu era muito criança, eu não era aquela criança que brincava de boneca, eu acho muito chato aquilo, eu ganhava aquelas bonecas, eu abria as bonecas, colocava água na cabeça das bonecas pra mim era a minha diversão, eu gostava muito mais de outras brincadeiras, né, sei lá, carrinho correr. Então parece que eu nunca vi isso, é uma coisa que minha mãe sempre quis, porque a minha mãe é aquela pessoa que sempre quis ser mãe, ela sempre teve aquele carinho eu fui extremamente planejada, porque ela quis, ela queria muito aquilo, e eu vejo o tamanho da entrega dela e eu penso é muito pra mim cara, então acho que foi ao longo da vida que eu fui crescendo e ainda por cima eu sou uma pessoa que prezo muito pela minha liberdade, e mal ou bem, mesmo que você crie seu filho mais louco que o Batman, leve ele pra todos role, você vai ter que criar uma vida vai ser responsável por uma criança, essa responsabilidade assim eu acho que nunca me enxerguei assim.”</i>
P3	<i>“Desde sempre eu nunca tive esse sonho, essa vontade de ser mãe, assim até mesmo minha criação né, eu não tive uma família estruturada, então foi um ambiente no qual não tinha essa visão e hoje eu tenho uma visão de que eu posso fazer por mim algo entende, então eu acho que basta, talvez eu me considero uma pessoa não muito receptiva, e de certa forma não quero ter essa responsabilidade sabe, não tenho essa maturidade, de ter que cuidar de uma criança ou seja lá do que for, então acho que é isso.”</i>
P4	<i>“Quando você é mulher tem que escolher entre ser uma profissional com mínimo de sucesso ou ser mãe, infelizmente se eu tivesse um filho eu não estaria onde eu estou hoje né, ou não seria tão fácil meu caminho, não que foi fácil, mas não seria tão reto, teriam muitas curvas. Eu escolhi ser uma profissional de sucesso, to lutando para isso, e um filho não ia me ajudar, ia me atrapalhar”</i>
P5	<i>“ Nunca quis ser mãe, pois eu sempre projetei pra mim, que pra você ser mãe, é ser mulher é uma coisa ser mãe é outra pra mim tá, é que você tem que tá muito organizada não só financeiramente, mas ter certeza de que você quer,</i>

	<p><i>e não do que você e seu marido quer, porque a entrega da mãe no meu ponto de vista é um pouco maior do que o do pai. Eu acho que eu sou individualista, eu gosto de primeiro assim eu foquei mais na minha carreira, e ter um filho você tem que se doar então você não pode ter um filho pra deixar pra outra pessoa cuidar, então você tá junto é o que eu penso tá, então isso a minha carreira foi um dos pontos, mas antes mesmo na adolescência eu já pensava que eu não queria ter filho, ter um filho ele já... é feio falar mas assim, ele já nasce devendo porque você já tem que ir ali comprar fraldas e programar depois, tem que pensar na outra escola e depois tem que pensar na faculdade e tudo prove dos pais né, então essas foram algumas coisas que eu tomei a decisão de não querer ser mãe e eu gosto muito de ter o meu tempo pra mim, eu gosto de uma TV eu gosto de sair a hora que eu quero e o filho esse programa você vai pra praia a sua mala do teu filho não é só a minha ou só do meu marido ou só a nossa entendeu, então isso pra mim eu acho meio complicado.”</i></p>
P6	<p><i>“ Eu não vejo um motivo um divisor de águas assim sabe, foi só mais esse lance assim de eu ter acompanhado a maternidade de perto, nossa eu vi como é difícil assim pra mãe, eu fico pensando que a parte financeira já pega para escolha de não ter filhos, nossa é muito gasto, não da não. E mesmo eu tendo idade suficiente porque eu tenho 32 anos já, ah eu não vejo sentido em direcionar minha vida, em basear minha vida toda voltada pra uma pessoa sabe, eu sei que depois que nasce a gente fala, nossa a gente ama tudo, mas eu sou tão feliz fazendo as minhas escolhas, fazendo os meus horários do jeito que eu quero, da maneira que eu quero que é mais isso que direcionou.”</i></p>
P7	<p><i>“Foi mutuo aqui em casa, nos entendemos que é uma responsabilidade muito grande, e por sermos muito responsáveis nos entendemos que não chegou o momento, e provavelmente não vai chegar esse momento nem mais pra frente, é por conta da responsabilidade financeira, responsabilidade da educação, ta muito caro tudo né, que envolve ter um filho, então a gente se fosse pra ter, gostaria de fazer uma coisa bem feita, então a gente optou a não ter nesse momento e provavelmente nunca teremos. Além da questão de ceder muito, então você acaba se anulando profissional, você se anula</i></p>

	<i>como mulher para ser mãe, é algo que eu não estava disposta a fazer. E eu nunca tive muito essa afeição por criança, eu nunca quis, então pra mim já é uma coisa muito natural, porque eu já escolhi não ter filhos”</i>
--	---

Fonte: Autoral (2021).

Baseando-se nas falas das participantes, foi possível analisar que existem diversos fatores que a levaram escolher a não-maternidade, o mais predominante é a responsabilidade de ter um filho e o quanto as participantes prezam a própria liberdade, mas além disso, apareceram outros motivos, como não se ver como mãe, a influência do trabalho com criança, a escolha da carreira, a experiência materna de pessoas próximas, vida financeira e a estrutura da família de origem.

A percepção que a maternidade demanda responsabilidade da mulher para educar e cuidar, presente nas falas da P1, P2 e P3, e a sobrecarga da maternidade presente no relato da P5 e P7, podemos analisar segundo Rocha-Coutinho (2004) que ainda nos dias atuais os trabalhos domésticos e maternos são considerados essencialmente femininos, demonstrando que não houve grandes mudanças no papel da mulher, porém agora além da vida doméstica, a mulher constrói carreiras e se insere em outras posições sociais. Além disso, a diferença na percepção do papel materno e paterno, uma vez que segundo Zanello e Porto (2016) não se espera responsabilidade e dedicação com os filhos por parte da figura paterna, ausentando o pai dessa responsabilidade.

Advindo da globalização, o modelo da maternidade passou por alterações, da maternidade tradicional, aquela que o papel da mulher era exclusivamente ser mãe e ter um grande número de filhos, e da maternidade moderna, a qual a mulher se divide entre ser mãe, e outras possibilidades. Devido aos impactos da industrialização, a dupla jornada das mulheres, e os contraceptivos, as mulheres puderam escolher entre ser ou não ser mãe (SCAVONE, 2001).

Nos relatos das participantes, podemos identificar alguns aspectos presentes como determinantes para a decisão de não ter um filho, no relato da P4 pode-se identificar que o que determina a escolha da não maternidade é a escolha por seguir uma carreira profissional, pontuando que a mulher tem de escolher entre maternidade ou o sucesso profissional, Segundo a literatura são vários os motivos que levam a mulher escolher pela maternidade ou não-maternidade, em relação aos aspectos sociais, a vida financeira e cultural da família, carreira profissional, a qualidade dos serviços públicos e privados podem ter influências (SCAVONE, 2001).

Baseando nas falas da P3 podemos analisar a influência do ambiente familiar na identificação com a maternidade, no relato ela expressa uma falta de estrutura familiar e de cuidado, e que atualmente, diferente da sua família, ela pode dar uma atenção a si mesma. Segundo os estudos de Smeha e Calvano (2009) a figura materna exerce influência na percepção que a mulher tem sobre a maternidade, como se a mãe transmitisse um desejo da vivência materna a filha.

No relato da P5, P6 e P7 sobre responsabilidades e gastos financeiros, identifica-se que para as participantes, para ter um filho é necessário ter uma vida financeira estabilizada, Segundo Rocha-Coutinho (2004) a organização da vida financeira é como se fosse uma pré-condição para escolha, pois essa facilita e proporciona melhores condições para criação de um filho.

Mas além dos componentes sociais, foi possível identificar nas falas das participantes que a decisão por não ter filhos também se relaciona com a personalidade da própria mulher como por exemplo os relatos das participantes pontuando que nunca quiseram ser mães, o qual está acima de qualquer outro motivo. Ou seja, a reflexão diante da escolha de não ser mãe foi pautada nas experiências e representações da maternidade, segundo Scavone (2001) essa reflexão possibilita que as mulheres não se sintam culpadas ou com medo de não se realizarem individualmente e socialmente.

#### **Categoria 4: Desafios em relação a escolha**

Nessa categoria foi analisado os desafios nos diferentes âmbitos (sociedade, família e amigos) relacionados a escolha de não ser mãe.

#### **Quadro 5 - Relatos das participantes**

P1	<i>“A pergunta que eu mais ouço é, mas você se dá tão bem com criança, porque você não vai ter filho, ainda mais por professora infantil, eu recebo muito esse questionamento, me sinto muito pressionada, é o principal desafio, como eu trabalho atendendo crianças, sempre vem os questionamentos, ah quando se vai ter um filhinho e tal, então é um desafio, aprender a lidar com os pais dos alunos, principalmente que eu estou na área clínica. A minha mãe ainda tem uma esperança de ser vó, mas como eu e meu irmão a gente sempre fala que a gente não quer ter filhos então acho que agora ela tem uma ideia, a minha mãe respeita todo e qualquer escolha,</i>
----	--

	<i>o meu pai ele também acredita que ele vá ser vó, mas ele não questiona, ele respeita, quem mais questiona da minha família é minha avó, ela fala ah mais é eu também falava isso quando era jovem e acabei ganhando cinco filhos e tal. Então a que mais questiona mesmo é a minha avó.”</i>
P2	<i>“ Todo mundo vira pra mim e fala isso vai mudar, você vai querer ser mãe, mas eu tenho essa fala desde pirralha e eu já tenho 30 anos e não mudou, mas é uma coisa que principalmente os mais velhos da família, eles ficam tipo, ah você não pode ficar sozinha, ah você tem que ter alguém, vamos ter um filho e papapa e piriri, e eu fico naquela para, com licença, eu não quero casar nem quero ter filho. O que eu mais sinto não é dó, e meio que tipo puts, a minha mãe sempre quis ser vó, mas eu tenho um negócio muito certo na minha cabeça, eu não vou fazer um negócio que vai mudar minha vida inteira, que tem 90% de chance que eu vou querer esgoelar a criança uma hora, só pra fazer gosto de mãe. Então, eu acho que o maior desafio da não escolha da maternidade é aquela coisa da família, se eu não tiver filho eu acho que a minha família morre, eu fico meio, nossa que forte, coisa forte isso pra uma pessoa. Mas é uma coisa que você tem que ficar provando o tempo todo que não quer ser mãe, tentar mostrar pros outros o meu gosto o meu querer é um principal desafio.”</i>
P3	<i>“Às vezes eu me cobro, eu penso, e se meu esposo quiser ter um filho, eu acho que é algo que tem que ser conversado desde o princípio desde o início deixar muito bem claro né pra que depois não cause algum conflito. Bom na minha família foi super tranquilo porque desde sempre eu já deixei isso claro não tenho vontade de ser mãe e aí todo mundo entendeu, lá é até um assunto que não é tão comentado, dentro do ambiente familiar foi tranquilo”</i>
P4	<i>“ Minha vó me cobra todos os dias por um neto, as pessoas falam que a mas você vai ficar sozinha quando você ficar velho, não vai ter ninguém pra cuidar de você, não vai ter ninguém pra você todo dia, tem uma hora que a gente até fica em dúvida se não quer mesmo, mas é a pressão de ficar sozinha, eles associam não ter filho com solidão, se você não ter um filho você obrigatoriamente vai ficar sozinho na sua vida. Então é, o meu parceiro sonha ter um filho, eu que não quero, então assim tem essa divergência, preciso até ser conversado mais pra frente, eu não quero mesmo eu decidi isso que eu</i>

	<i>pra mim não tem viabilidade. Na minha família é pior impossível né, minha avó ela não se conforma, ela não entende ela fala que vou ficar velha daqui a pouco, aí eu não vou poder mesmo ter, ela não aceita ela acha que a mulher nasceu pra casar e ter filhos, então ela não consegue aceitar minha escolha.”</i>
P5	<i>“ Pela família não, pelos colegas de trabalho não, pela sociedade sim. Porque querendo ou não você está em algum ambiente e as pessoas falam ah você só você só vai estar completa se você tiver um filho, e não é verdade né eu acho que hoje a gente tá num mundo tão diferente tão moderno que não precisa de uma criança ou de um filho, não vou traduzir o filho em uma criança, para completar o seu dia a dia, acho que você tem que tá feliz em primeiro lugar, se você tá feliz e decidiu ter um filho ótimo, se tá feliz e decidiu em não ter um filho também, eu não vejo nenhum desafio, porque é tão certo pra mim, assim algumas pessoas falam ah mas acho que você se vai mudar sua opinião, eu não acho que eu vou mudar. O meu marido já tem dois filhos e isso ajuda muito, então você escolher um parceiro que já tem filhos, quis ser pai e vivenciou a paternidade te ajuda muito, não é uma regra, pois eu poderia ter um parceiro que não tivesse, não quisesse ter filho, mas no meu caso sim, mas pra minha família eles não fizeram nenhum cobrança porque eu nunca quis, então acho que minha mãe é tranquila que ela não vai ter um neto vindo de mim entendeu, então é bem tranquilo também.”</i>
P6	<i>“ Minha mãe é bem tranquila ela sempre fala que ela quer mais uma netinha, então a gente deixa isso pra uma das minhas irmãs, tem pra onde correr né, somos em quatro, e minha irmã mais velha já tem a minha filha de cinco anos. As minhas amigas de vida têm filho e elas sempre falam, ah quando você vai arrumar um, e eu sempre falo gente, mas eu já cuidei do filho de vocês todas eu não quero ter um pra mim. Então, minha família é tranquila do que a gente quer ou deixa de querer, não impõe nada, meu parceiro atual já tem a filha dele e também não quer mais, eu falei pra ele que não queria ele falou nossa tá tudo certo, então não tem problema e nem questionamento quanto a isso.”</i>
P7	<i>“Hoje eu não sinto mais pressionada também pelo amadurecimento né, a gente tá mais velha, entendendo mais as coisas, então hoje não mais, mas no passado sim, ah as vezes eu penso que quando eu ficar mais velha, um filho vai me ajudar bastante, mas assim, desafio mesmo, nenhum é muito</i>

*tranquilo essa questão aqui em casa, porque a decisão não é só minha de não ser mãe, envolve também o meu marido, é uma decisão mutua então não vejo nenhum desafio. Foi muito tranquila dos dois lados, a minha mãe já tem uma neta adolescente então, no começo ela cobrava um pouquinho, agora ela já acostumou com a ideia, e do lado do meu marido, os pais deles são muitos jovens, então eles, acho que nem sentem vontade de serem avós ainda, por enquanto do lado dele é mais tranquilo do que do meu lado, do meu lado é mais minha mãe, mas ela também já se acostumou com a ideia, então ta bem tranquilo em relação a família.”*

Fonte: Autoral (2021).

Conforme os relatos das participantes foi possível identificar que metade das participantes não sentem grandes desafios por parte dos seus familiares e amigos, e a outra metade sente-se pressionadas pelos familiares, principalmente por avós ou familiares mais velhos. Porém, mesmo com os questionamentos do motivo de não escolherem a maternidade, todas as participantes demonstraram se posicionar de modo assertivo diante desses acontecimentos.

De acordo com a literatura, as pessoas que escolhem o caminho da não maternidade lidam com a pressão social e estereótipos dessa escolha (RIOS; GOMES, 2009), apesar de algumas participantes relatarem a compreensão por parte dos familiares e amigos, outras participantes falam de como sentem-se pressionadas por alguns familiares, como por exemplo a P1, P2 e P4. Segunda Smeha e Calvano (2009) essa ‘obrigação’ por ter um filho é um obstáculo para algumas mulheres assumirem a não- maternidade.

Segundo Cerveny e Berthoud (2010) a família é vista como um sistema no qual se estabelece relações entre os membros, esse sistema possibilita que todo esse processo seja compreendido como unidade, que permite aos membros um padrão a ser seguido, como costumes regras e rituais. Esse sistema está sujeito a mudanças e transformações.

É de suma importância salientar, que os questionamentos vêm de familiares mais velhos, e não dos seus pais, indicando uma mudança no pensamento de uma geração para outra. Esse novo modelo de família vai se adaptando conforme as

transformações da vida contemporânea, e é definido de acordo com a classe social e o país que o sujeito está inserido (SCAVONE, 2001).

Quando as participantes relatam certa compreensão dos seus familiares sobre sua escolha, podemos refletir segundo Farinha e Comin (2018) o quanto a não-maternidade vem sendo respeitada em nossa sociedade, e a importância desse respeito para que a mulher não se sinta pressionada. Além disso, podemos compreender que por conta dessa consciência, as mulheres conseguem explorar suas possibilidades além da maternidade para tomar uma decisão (SMEHA; CALVANO 2009).

No relato da P3 e P4 podemos reconhecer uma preocupação frente a decisão dos parceiros, já nas falas das P5, P6 foi possível compreender que para elas o fato dos parceiros já terem filhos facilitou na sustentação da decisão. Segundo Mansur (2003) a escolha dos parceiros se relaciona com a falta de desejo pela maternidade, mesmo que de modo imperceptível, essas mulheres tem preferência por parceiros que já tenham ou não queiram ter filhos.

### **Categoria 5: Influência da vida profissional**

Nessa categoria foi analisado a influência da carreira e profissão na escolha da não-maternidade.

#### **Quadro 6 - Relatos das participantes**

P1	<i>“ Influencia, como eu falei, sou professora infantil, então eu acompanho a infância desde o ensino infantil até o fundamental um por enquanto, então eu pego ali a infância, dos bebês, até ali, a fase de pós alfabetização, que é quando eles começam interpretar o mundo, a serem letrados, então teve total influencia.”</i>
P2	<i>“A minha profissão não me colocou tão de cara com essa não-maternidade assim, por eu ser uma bióloga que trabalha em hospital, eu já trabalhei em hospital que tem UTI neonatal e tinha pronto socorro infantil e eu já peguei alguns casos de criança afogada, criança queimada, então é meio que no meu serviço eu tive um contato maior com isso, vendo mãe chegar 3h da manhã e meu deus acode meu filho e é uma coisa que ela não tem noção do que ela ta fazendo e chega a ser bonito de ver, mas é uma coisa que me assusta, nossa gente é esse bicho que a gente fica.”</i>

P3	<i>“Sim com certeza, eu pretendo seguir carreira na odontologia, ter minhas conquistas individuais, acredito que por isso então não gostaria também de ter um filho.”</i>
P4	<i>“ Teve sim, eu sou advogada, já fiz criminal, faço trabalhista, sofro ameaças então acho que eu não constituiria família com a profissão que eu tenho, não no rumo que eu tomei na minha profissão.”</i>
P5	<i>“Teve, mas não cem por cento, porque você consegue se adaptar tenho colegas diretores inclusive que tem filhos, mas é aquela adaptação o quanto você quer estar próximo do seu filho, ou quanto você abdica, acho que é um misto entre a carreira e entre o fato de não precisar me preocupar com a educação de uma criança com que ele vai ser no futuro sabe você antecipar ansiedade o que ela vai ser vai prosperar será que ele não vai prosperar eu sou uma pessoa que eu não gosto de pensar nisso então isso pra mim é uma atitude, não é que eu não gosto de criança adoro inclusive mas um filho não é uma criança pra vida toda ele é uma criança é adolescente é um adulto ele é um vai formar a própria família, então são esses dois pontos que eu não, que eu tomei a decisão de não ser mãe.”</i>
P6	<i>“Não, nenhuma, até porque eu já tinha decidido que não ia querer ter filho e depois que eu entrei na faculdade, e que eu já fiz também, eu quase me formei em engenharia né, antes da psicologia, então nunca me influenciou na escolha.”</i>
P7	<i>“ Pouco, não vejo na área que eu trabalho que isso ia me prejudicar muito, não que não ia me prejudicar de forma alguma, mas não ia me prejudicar muito, eu consigo trabalhar de casa, meu trabalho me permitiria estar próximo do meu filho, e não acho que eu deixaria de ter alguma vantagem profissional por conta disso, não vejo no meu caso, não vejo dessa forma, do meu marido no caso seria a mesma coisa, mas não vejo que o trabalho influenciou isso não, são os outros aspectos que eu já falei.”</i>

Fonte: Autoral (2021).

De acordo com as falas das participantes foi possível analisar que para algumas participantes a vida profissional foi um dos determinantes para a escolha de não ser mãe, seja por conta da experiência na profissão ou por planos de seguir uma carreira profissional, mas para outras, quase não influenciou, pois, a escolha de não

ter filhos, antecedeu a escolha da carreira profissional, além disso, elas acreditam que não seriam totalmente prejudicadas em sua profissão caso fossem mães.

Baseando-se no relato da P3 e P4, podemos analisar que maternidade é um impasse para as mulheres que escolhem por seguir uma carreira profissional, visto que as mulheres assumem a maiorias das responsabilidades parentais (SCAVONE, 2001). E apesar da P5 e P7 pontuarem que a carreira profissional não influenciou totalmente, e a P6 relatar não teve influência, segundo Rocha- Coutinho (2004) atualmente a mulher ainda é desvalorizada no mercado de trabalho, tendo de enfrentar barreiras para empregos mais gratificantes e salários e garantias trabalhistas iguais aos dos homens.

É de suma importância ressaltar, conforme a fala da P1, P2, P3, P4 e P5, foi possível identificar que as experiências profissionais exerceram certa influência na escolha, segundo a literatura, muitas mulheres optam pela não maternidade ou pela maternidade tardia por influência da carreira profissional, por conta da ambição das mulheres por conquistas profissionais. A sociedade possui certa influência para que a mulher possa atingir uma vida bem-sucedida, principalmente as mulheres de classes mais altas (ROCHA-COUTINHO, 2004; RODRIGUEZ; CARNEIRO, 2013).

### **Categoria 6: Vivência e planejamentos**

Essa categoria teve como objetivo compreender e analisar como as mulheres sentem-se por não serem mães, e quais os planejamentos futuros para sua vida pessoal e profissional.

#### **Quadro 7 - Relatos das participantes**

P1	<p><i>“ Eu já convivo com muitas crianças, mesmo do lado profissional eu tenho um contato com a infância, eu acho até um pouco egoísta quando eu vejo alguns relatos, claro cada um tem sua forma de pensar, porque parece que o filho tá vindo pra suprir algo que a mulher não teve, então pra mim é bem tranquilo lidar com isso, eu já convivo com tanta criança que eu acho que não vá sentir essa falta da interação com infância, é isso faz muito sentido assim na minha cabeça pra mim é tranquilo. Meus planos são investir na carreira mesmo, ter minha clínica, ir pra área da psicopedagogia e me estabilizar ali, pretendo investir em outras coisas também, que não sejam da minha área, que me tragam retorno financeiro, pra conseguir estabelecer algumas metas</i></p>
----	---

	<i>no pessoal, no pessoal eu quero viajar, quero ter estabilidade financeira, que me permita viajar sem ter preocupação, ter lar e poder ajudar minha família, e, essas são as minhas metas, e ser feliz né.”</i>
P2	<i>“Eu acho que fico feliz atualmente com essa escolha, pois eu prezo pela criança, o mundo é tão difícil, tem tanta gente na rua, o povo tem filho adoidado, a natureza não ta aguentando a quantidade de gente que tem hoje, começa por aí, aí você vai colocar mais gente no mundo, e você não ta pensando no futuro daquela criança. Eu não sou uma pessoa que faz aquela meta, e vou seguir a meta pra sempre, acho que eu vou nadando conforme o mar, mas minha meta é meio que deixar essa liberdade que eu tanto prezo fluir mais ainda. Agora em relação ao trabalho, eu não me imagino trabalhando em hospitais por mais dez anos, não imagino isso, agora o que eu vou fazer eu não sei, acabei de terminar a minha pós em microbiologia que é uma coisa que eu adoro, mas não sei, to indo, to feliz agora, talvez eu vá um pouco pra associação com a biologia com terapias holísticas que é uma coisa que eu gosto muito. Principalmente por trabalhar em hospital você fica querendo arranjar fuga pra cabeça de autoconhecimento, acalmar os nervos, porque se vai pegando muita informação pra você, e tem uma hora que você vai explodir, comecei a me cuidar mentalmente para as coisas ficarem mais calmas, é isso.”</i>
P3	<i>“Me sinto bem tranquila, até acredito que assim tem que ter uma boa relação entre as pessoas que tão presente na sua vida, se acontecer de um dia ter filho é algo pra complementar, mas não que seja suficiente, por isso não pretendo ter não quero. Eu pretendo seguir carreira na odontologia, fazer uma especialidade e posteriormente atuar na área e daqui mais ou menos uns 5 a 10 anos montar meu consultório, ter minhas conquistas individuais, pretendo casar, sair do país, viajar bastante, conhecer o mundo.</i>
P4	<i>“ Me sinto realizada porque eu escolhi o profissional e eu sei que se eu fosse mãe ou se daqui pra frente eu decidi ser mãe o profissional vai ter que esperar porque no mercado de trabalho é assim, a mulher é descriminalizada quando tem filho, então se eu quiser chegar, onde eu decidi que eu quero chegar, um filho atrapalha, então, eu me sinto realizada, eu sinto que estou no caminho</i>

	<i>certo, eu não mudaria. Eu penso em fazer escritório girar, dar certo, continuar com ele, pessoais eu penso em casar e ter o meu canto com o meu marido”</i>
P5	<i>“Eu me sinto ótima, que eu vejo as mães descabeladas, as mães com olheiras, eu me sinto bem porque eu não tenho uma responsabilidade do desenvolvimento de um outro ser humano, essa responsabilidade eu não tenho, eu não quis. Meu plano para o futuro sempre foi ser feliz, acho que é o que mais importa pra mim, eu preciso estar feliz com a pessoa que eu to, com o meu marido que eu sou casada a 12 anos, eu preciso estar feliz comigo mesma, e eu preciso estar feliz em meu ambiente de trabalho, então, o que eu busco pra mim pessoal ele tem um merge com o profissional, o que importa de tudo e estar feliz, se eu estou feliz ganhando dinheiro, se eu to feliz fazendo o que eu quero, pra mim ta ótimo. Mas o que eu busco é planejar se eu vou fazer uma viagem, planejar se eu vou visitar minha família, a gente ta construindo agora, então pra mim isso é um planejamento que sempre ta ligado a felicidade.”</i>
P6	<i>“Não sei, acho que é normal pra mim, nunca parei pra pensar nisso, não sendo mãe, eu não sei, eu não me sinto menos mulher nem menos feminina, nada, pra mim acho que é normal sempre me coube esse papel. Então eu quero terminar a faculdade o quanto antes, quero trabalhar na área, quero clinicar, a partir daí quero casar, comprar uma casa conquistar as coisas materiais que todo mundo quer né, acho que é isso.”</i>
P7	<i>“Eu me sinto completa do jeito que eu sou hoje, eu não acho que isso vá me deixar ser menos mulher ou menos importante em nada, a gente, eu gosto muito de animais na verdade, e a questão dos animais que a gente tem nos supre qualquer necessidade que eu vá ter, imagino né, não vou ser mãe pra saber, mas vai suprir as minhas necessidades que eu sinto tranquilamente. No momento a gente está ainda planejando o futuro, não tem muitos planos específicos, o meu marido trabalhava na Ford então a gente ta planejando o que vamos fazer, se vamos abrir um negócio, então de certa forma o plano é trabalhar, conseguir fazer alguns investimentos para que a gente consiga ter uma aposentadoria mais cedo e curtir mais a vida, a gente trabalha bastante.</i>

Fonte: Autorial (2021).

Conforme as falas das participantes foi possível analisar que a vivência em não ser mãe é tranquila para todas as entrevistadas, elas relatam essa experiência com

sentimento de completude, felicidade, realizada, otimismo, não se sentem que deixarão de ser mulher pela escolha da não maternidade. Em relação aos planejamentos futuros da vida pessoal e profissional, elas mencionaram alguns pontos em comum, como investir em carreira, negócios, conquista ou manutenção do lar ou matrimônio, viajar e ser feliz. Em comparação a primeira categoria 'ser mulher', os relatos dessa última categoria foram bem mais leves, nos fazendo compreender que apesar de todas as lutas mencionadas anteriormente, a mulher que pode decidir e trilhar o seu caminho.

A reflexão diante da decisão de não ter filhos, é importante pois viabiliza uma escolha sem medo, culpa, ou qualquer sentimento de falta de realização pessoal ou social. No entanto, essa reflexão é possibilitada quando os sujeitos tem acesso ao conhecimento e cultura (SCAVONE, 2001).

Os relatos vão de encontro com a seguinte afirmação, na atualidade existe um novo movimento das mulheres, elas estão em busca de ressignificar a sua existência para além da maternidade, priorizando projetos pessoais, de estabilidade financeira, autonomia e independência profissional (PATIAS; BAUES, 2012; COLARES; MARTINS, 2016).

Nas falas das participantes foi possível constatar planejamentos, sonhos e almejo de conquista, segundo Cerveny e Berthoud (2010), no ciclo vital, a primeira fase é a de aquisição, nesse estágio podemos identificar o início da união do casal, a vivência desse processo de união, além disso, nessa fase são elaborados novos padrões de relacionamento, são planejados o estilo de vida que o casal deseja para o futuro, realizada a administração financeira, negociações e escolhas.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do objetivo geral de compreender a vivência de mulheres que escolheram pela não maternidade, foi possível entender as experiências das participantes, a representação da maternidade, os motivos pela escolha da não-maternidade e os desafios em relação a essa escolha.

Partindo do pressuposto que a sociedade se estrutura de modo machista, e que apesar das conquistas das mulheres, atualmente ainda exista desigualdade entre homens e mulheres em variados âmbitos sociais, pode-se considerar que a reflexão e decisão por não ser mãe rompe com os valores das gerações passadas. Por isso faz-se necessário uma resignificação do papel da mulher, uma vez que 'ser mulher' vai muito além do que a vivência materna.

Em termos gerais, os objetivos específicos foram alcançados, uma vez que foi possível compreender o significado de 'ser mulher' para as participantes, esse significado está atrelado a representação que as participantes têm da maternidade, pois ambos possuem conotação de fardo, ou seja, algo difícil, que demanda batalhas e responsabilidades. Demonstrando sobrecarga da dupla jornada da mulher, entre a vida doméstica e pública (estudo, trabalho e profissão).

Outro fator importante, foi que as participantes apresentam motivos claros sobre essa escolha, e se posicionam diante de seus familiares e da sociedade. Pode-se observar que os motivos em relação a decisão de não ser mãe são variados, e que a carreira profissional exerce influência, mas não foi o determinante para a maioria das participantes, visto que, antes de decidir por uma profissão, essas participantes já haviam decidido por não terem filhos.

Além disso, foi possível analisar que frente aos desafios vivenciados, as participantes se sentem pressionadas para serem mães, é importante ressaltar, que majoritariamente os questionamentos são feitos por familiares mais distantes, ou pela sociedade no geral, porém, as participantes se sentem completas, felizes e realizadas com a decisão de não terem filhos, demonstrando que apesar de alguns questionamentos, a experiência de não ser mãe é bem tranquila.

Deste modo a pesquisa se mostrou relevante sobre a discussão da temática, uma vez que apresentou aspectos importantes sobre a mudança do papel social da mulher nos diferentes contextos da sociedade, e a necessidade do respeito aos sentimentos e posicionamentos das mulheres que escolheram pela não-maternidade.

Ressaltamos a importância da ampliação para outras regiões, etnias e classes sociais, visto que as participantes são todas residentes na cidade de Taubaté Estado de São Paulo, identificam-se como brancas, e possuem acesso ao ensino superior. Como sugestão para novos estudos propomos a investigação sobre o impacto de uma gravidez indesejada na vida da mulher.

No decorrer da história, podemos verificar inúmeras conquistas das mulheres, uma delas é o direito da mulher sobre o seu corpo e sua sexualidade. Deste modo, pode-se considerar que apesar dos inúmeros desafios, a mulher caminha em direção a igualdade de condições e direitos em relação aos homens.

## REFERÊNCIAS

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BAPTISTA, Sylvia Mello Silva. **Maternidade e profissão: oportunidades de desenvolvimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Maternidade: novas possibilidades, antigas visões**. *Psicol. clin.*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000100012&lng=en&nrm=iso) . Acesso em 15 mar. 2021.

BARBOSA, P. Z.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos**. *Psicologia & Sociedade*, v. 24, n. 3, p. 577-587, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/4gj5xxSFGxWmzmWBq3r534Q/?lang=pt>. Acesso em 09 de mai. 2021.

BASSANEZI, C. Mulheres dos Anos Dourados. In. DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 607- 639.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BEAUVOIR, S. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 5 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.

BIERNACKI, P.; WALDORF, D. **Snowball sampling: problems and techniques of chain referral sampling**. *Sociological Methods & Research*, Thousand Oaks, CA, v. 10, n. 2, 1981.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Boletim Epidemiológico**. Especial. COE- COVID19. 26 abril 2021.

COLARES, S. C. S.; MARTINS, R. P. M. **MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL ALÉM DO DESEJO**. *Revista de Iniciação Científica da Universidade Vale do Rio Verde, Três Corações*, v. 6, n. 1, 2016. Disponível em: <http://periodicos.unincor.br/index.php/iniciacaocientifica/article/view/2654> Acesso em: 11 Jun 2021.

CERVENY, C. M. O. **Família em Movimento**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. **Visitando a família ao longo do ciclo vital**. 3 ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

CUNHA, J.A. **Psicodiagnóstico V**. Porto Alegre: Artes, v. 19, 2000.

DEL PRIORE, M. **Ao Sul do Corpo**: Condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. 2 ed. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1995.

DEL PRIORE, M. **Histórias das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DEL PRIORE, M. Magia e medicina na Colônia: o corpo feminino. In. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 78- 114.

D'INÇÃO, M. A. Mulher e família burguesa. In. DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 223 – 240.

EMIDIO, T. S.; GIGEK, T. **Elas não querem ser mães**: algumas reflexões sobre a escolha pela não maternidade na atualidade. Trivium, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 186-197, dez. 2019. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S2176-48912019000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912019000200007&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 29 abr. 2021.

EMIDIO T.S. **Diálogos entre feminilidade e maternidade**: Um estudo sob o olhar da mitologia e da psicanálise. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FARINHA, A. J. K. COMIN, F. S. **Relações entre não Maternidade e Sexualidade Feminina**: Revisão Integrativa da Literatura Científica. Revista de Psicologia da IMED, Passo Fundo, v. 10, n. 1, p. 187-205, Jan - jun, 2018

FIDELIS, D. Q.; MOSMANN, C. P. **A não maternidade na contemporaneidade**: um estudo com mulheres sem filhos acima dos 45 anos. Aletheia, v. 42, p.122-135, 2013. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_abstract&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1413-03942013000300011&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 11 Jun de 2021.

ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In. DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.322-361.

FALCI, M. K. Mulheres do sertão nordestino. In. DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 241- 277.

FIGUEIREDO, L. Mulheres nas Minas Gerais. In. DEL PRIORE, M. **História das Mulheres no Brasil**. 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Estatística sociais**. Registro Civil. Em 2016 registros de nascimento têm queda (-5,1) em relação a 2015. Rio de Janeiro: IBGE, 2016. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/17943-registro-civil-em-2016-registros-de-nascimentos-tem-queda-5-1-em-relacao-a-2015> Acesso 15 mar. 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Estatística sociais**. 11,8% dos jovens com menores rendimentos abandonaram a escola sem concluir a educação básica em 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/25885-11-8-dos-jovens-com-menores-rendimentos-abandonaram-a-escola-sem-concluir-a-educacao-basica-em-2018>. Acesso 21 set. 2021

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. **Estatística sociais**. Síntese de Indicadores Sociais. Abandono escolar é oito vezes maior entre jovens de famílias mais pobres. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/25883-abandono-escolar-e-oito-vezes-maior-entre-jovens-de-familias-mais-pobres>. Acesso em 21 set. 2021.

MACHADO, J. S. A.; PENNA, C. M. M.; CALEIRA, R. C. L. **Cinderela de sapatinho quebrado**: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. SAÚDE DEBATE. Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, 2019. Disponível em <https://www.scielo.br/j/sdeb/a/gNVpQTVHSW8GhbjhbsNv8K/?lang=pt#> Acesso em 11 Jun. 2021.

MANSUR, L. H. B. **Experiências de mulheres sem filhos: a mulher singular no plural**. Psicol. cienc. prof., Brasília, v. 23, n. 4, p. 2-11, Dez. 2003. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-98932003000400002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000400002&lng=pt&nrm=iso) Acesso em 15 mar. 2021.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14 ed. São Paulo: Hucitec, 2014.

NOVAES, E. D. **ENTRE O PÚBLICO E O PRIVADO: O PAPEL DA MULHER NOS MOVIMENTOS SOCIAIS E A CONQUISTA DE DIREITOS NO DECORRER DA HISTÓRIA.** História e Cultura, Franca, v. 4, n. 3, p. 50-66, dez. 2015. Disponível em <https://ojs.franca.unesp.br/index.php/historiaecultura/article/view/1691> Acesso em 11 Jun. 2021.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento Humano.** 12. ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

PATIAS, N. D.; BUAES, C. S. **"Tem que ser uma escolha da mulher: representações de maternidade em mulheres não-mães por opção.** Psicol. Soc., Belo Horizonte, v.24, n.2, p.300-306, Agosto 2012. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-71822012000200007&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822012000200007&lng=en&nrm=iso) Acesso em 15 Mar. 2021.

RAGO, M. Trabalho feminino e sexualidade. In. **História das Mulheres no Brasil.** 6 ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 578-606.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. **Casamento contemporâneo: revisão de literatura acerca da opção por não ter filhos.** Estud. Psicol. Campinas, 2009. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/88yxf5HcJdYKY7DZv6ZmhDf/abstract/?lang=pt> Acesso em 15 mar. 2021.

RIOS, M. G.; GOMES, I. C. **Estigmatização e conjugalidade em casais sem filhos por opção.** Psicol. estud., Maringá, v. 14, n. 2, p. 311-319, Jun 2009. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722009000200012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000200012&lng=en&nrm=iso) Acesso em 15 Mar. 2021.

RIOS-LIMA, M. G. **Um estudo sobre o adiantamento da maternidade em mulheres contemporâneas.** Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia). Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/estpsi/a/88yxf5HcJdYKY7DZv6ZmhDf/abstract/?lang=pt> Acesso em 15 mar. 2021.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Novas opções, antigos dilemas: mulher, família, carreira e relacionamento no Brasil.** Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 12, n. 1, p. 02-17, jun. 2004. Disponível em [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2004000100002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2004000100002&lng=pt&nrm=iso). acesso em 21 set. 2021.

SAFFIOTI, H. I. B. **A Mulher na Sociedade de Classes: Mito e Realidade.** 4.vol. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1976.

SILVA, G. C. C. et al. **A mulher e sua posição na sociedade: da antiguidade aos dias atuais.** Rev. SBPH, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, p. 65-76, dez. 2005 . Disponível

em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-08582005000200006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 21 set. 2021.

SCAVOVE, L. **A maternidade e o feminismo: diálogo com as ciências sociais.** Cadernos Pagu, n. 16, 2001. Disponível em <https://www.scielo.br/j/cpa/a/3wSKqcsySs8ZV4rHM63K8Lz/?lang=pt> Acesso em 11 Jun. 2021.

SCAVONE, L. **Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero.** Interface \_ Comunic, Saúde, Educ, v.5, n.8, p.47-60, 2001.

SMEHA, L. N.; CALVANO, L. **O QUE COMPLETA UMA MULHER?** Um estudo sobre a relação entre não-maternidade e vida profissional. Psicologia Argumento, v. 27, n. 58, p. 207-217, 2009. Disponível em <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/19849> Acesso em 11 Jun. 2021.

RODRIGUEZ, F. T.; CARNEIRO, T. F. **Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões.** Tempo psicanal., Rio de Janeiro , v. 45, n. 1, p. 111-121, jun. 2013 . Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-48382013000100008&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382013000100008&lng=pt&nrm=iso)>. Acessos em 21 set. 2021.

VÁSQUEZ, G. **Maternidade e Feminismo: notas sobre uma relação plural.** Revista Trilhas da História. Três Lagoas, v.3, nº6 jan-jun, 2014. Disponível em <https://trilhasdahistoria.ufms.br/index.php/RevTH/article/view/472> Acesso em 11 Jun. 2021.

VIEIRA, J. A. **A identidade da mulher na modernidade.** DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada. São Paulo, v. 21, 2005. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0102-44502005000300012>>. Acesso em set. 2021.

ZANELLO, V.; PORTO, M. **Aborto e (Não) Desejo de Maternidade(s): questões para a Psicologia.** Brasília: CFP, 2016.

## APÊNDICE A- ROTEIRO DE ENTREVISTA

### PERFIL SOCIOECONÔMICO – PARTE I

NOME:

IDADE:

SEXO/ GÊNERO:

ETNIA:

ENDEREÇO:

ESTADO CÍVIL:

RELIGIÃO:

ESCOLARIDADE:

PROFISSÃO:

RESIDÊNCIA:

- PRÓPRIA
- CEDIDA
- ALUGADA

PESSOAS QUE MORAM NA MESMA CASA (IDADE E PARENTESCO)

RENDA MENSAL INDIVIDUAL

- DE 1 À 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
- DE 2 À 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
- DE 3 À 5 SALÁRIOS MÍNIMOS
- DE 5 À MAIS

RENDA MENSAL DA FAMÍLIA

- DE 1 À 2 SALÁRIOS MÍNIMOS
- DE 2 À 3 SALÁRIOS MÍNIMOS
- DE 3 À 5 SALÁRIOS MÍNIMOS
- DE 5 À MAIS

**ENTREVISTA- PARTE II**

1. Qual o significado de ser mulher?
2. O que a maternidade representa para você?
3. Como foi o processo da escolha em não ser mãe?
4. Quais são os motivos/ razões para ter feito essa escolha?
5. A sua carreira profissional teve alguma influência na não escolha da maternidade?
6. Você se sente pressionada pela sociedade, família, amigos, colegas de trabalho por ter filhos?
7. Quais são os seus planos para o futuro (pessoais e profissionais)?
8. Quais os desafios que você já enfrentou e que ainda enfrenta na decisão da não escolha da maternidade?
9. Como foi a sua vivência em relação a essa escolha na sua família e na do seu parceiro?
10. Como você se sente em relação a não ser mãe?
11. Você já passou por algum preconceito pelo fato da não escolha da maternidade?

## ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

O Sr.(a) está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) da pesquisa “**Desafios da mulher contemporânea: ‘Ser Mulher’ e a não escolha da maternidade**”, sob a responsabilidade do pesquisador “**Andreza Maria Neves Manfredini**”. Nesta pesquisa pretendemos “**compreender a vivência de mulheres que escolheram pela não maternidade, analisar o significado de ser mulher, a representação da maternidade para a mulher, os motivos pela escolha de não ser mãe, os desafios da mulher na escolha da não-maternidade em relação a família, os sentimentos e emoções da mulher que escolheu a não-maternidade e as influências da carreira profissional na não escolha da maternidade**” por meio da “**pesquisa com delineamento qualitativo e estudo de caso. Os instrumentos a serem utilizados serão entrevistas semi-estruturadas. Os participantes serão de 4 à 6 mulheres, essas serão selecionados por amostragem bola de neve, e será realizado um perfil socioeconômico para caracterizar a amostra. Os critérios de inclusão dos participantes serão: mulheres, do sexo feminino, na faixa etária de 20 a 45 anos, ausência de filhos voluntariamente, residentes no vale do paraíba.**” Antes de iniciar a entrevista, será lido o que consta no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) para que a participante esteja ciente e mediante a assinatura dela que corresponde como tal consentimento e compromisso, será realizada a entrevista com o gravador de voz, tendo como base um roteiro previamente estabelecido com base nos objetivos desta pesquisa. Após a transcrição íntegra, o áudio será apagado”. Há benefícios e riscos decorrentes de sua participação na pesquisa. Os benefícios consistem em “**levar aos participantes reflexões e o conhecimento sobre uma consciente de suas atitudes em ser mulher na contemporaneidade**” e os riscos “**A pesquisa apresenta os seguintes riscos, o possível risco que a mesma poderá causar, será caso o participante se sinta desconfortável emocionalmente, inseguro ou tenha o desejo de não fornecer alguma informação solicitada pela pesquisadora, e o outro risco é decorrente ao cenário pandêmico da COVID-19**”. Entretanto para evitar que ocorram danos “**com vistas a prevenir possíveis riscos, as entrevistas seguirão todos os protocolos estabelecidos para prevenção e combate a COVID-19, tais como, utilização de EPI (máscara de proteção), álcool em gel e distanciamento social, também fica garantido o direito de deixar de responder qualquer pergunta que julgue por bem assim procederou, solicitar que os dados fornecidos durante a coleta, não sejam utilizados. Além disso, caso necessário e de sua própria vontade, o participante será encaminhado ao Centro de Psicologia Aplicada da Unitaú (CEPA) para atendimento** Rubricas: pesquisador responsável \_\_\_\_\_ participante \_\_\_\_\_ 1/3

*Andreza Manfredini*

**psicológico**”. Caso haja algum dano ao participante será garantido ao mesmo procedimentos que visem à reparação e o direito à indenização.

Para participar deste estudo o Sr.(a) não terá nenhum custo (**caso o participante tenha despesas decorrente a sua participação na pesquisa, o pesquisador vai ressarcir o participante**) nem receberá qualquer vantagem financeira. O Sr.(a) receberá o esclarecimento sobre o estudo em qualquer aspecto que desejar e estará livre para recusar-se a participar e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador, que tratará a sua identidade com padrões profissionais de sigilo.

Os resultados da pesquisa estarão à sua disposição quando finalizada. Seu nome ou o material que indique sua participação não será liberado sem a sua permissão. O(A) Sr.(a) não será identificado em nenhuma fase da pesquisa e nem em publicação que possa resultar. Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável por um período de 5 (cinco) anos. Este termo de consentimento encontra-se impresso em duas vias, sendo que uma cópia será arquivada pelo pesquisador responsável, e a outra será fornecida ao senhor(a). Para qualquer outra informação o(a) Sr.(a) poderá entrar em contato com o pesquisador por telefone **(12) 99141-3334 (inclusive ligações à cobrar)** ou e-mail **andreza.mnmtobias@unitau.br**

Em caso de dúvidas com respeito aos aspectos éticos deste estudo, o(a) Sr.(a) poderá consultar o Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UNITAU na Rua Visconde do Rio Branco, 210 – centro – Taubaté, telefone (12) 3635-1233, e-mail: cep@unitau.br

O pesquisador responsável declara que a pesquisa segue a Resolução CNS 510/16.

Rubricas: pesquisador responsável  participante \_\_\_\_\_ 2/3

ANDREZA MARIA NEVES MANFREDINI (pesquisador responsável)

**Consentimento pós-informação**

Eu, \_\_\_\_\_, portador do documento de identidade \_\_\_\_\_ fui informado (a) dos objetivos da pesquisa **“Desafios da mulher contemporânea: ‘Ser Mulher’ e a não escolha da maternidade”**, de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações sobre a pesquisa e me retirar da mesma sem prejuízo ou penalidade.

Declaro que concordo em participar. Recebi uma cópia deste termo de consentimento livre e esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

\_\_\_\_\_, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2021.

\_\_\_\_\_ Assinatura do(a) participante

Rubricas: pesquisador responsável  participante \_\_\_\_\_

## ANEXO B – TERMO DE APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA



### PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

#### DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

**Título da Pesquisa:** DESAFIOS DA MULHER CONTEMPORÂNEA: 'SER MULHER' E A NÃO ESCOLHA DA MATERNIDADE

**Pesquisador:** Andreza Maria Neves Manfredini Tobias

**Área Temática:**

**Versão:** 2

**CAAE:** 45060821.5.0000.5501

**Instituição Proponente:** Departamento de Psicologia

**Patrocinador Principal:** Financiamento Próprio

#### DADOS DO PARECER

**Número do Parecer:** 4.721.501

#### Apresentação do Projeto:

A presente pesquisa pretende compreender a vivência de mulheres que escolheram pela não maternidade, analisar o significado de ser mulher, a representação da maternidade para a mulher, os motivos pela escolha de não ser mãe, os desafios da mulher na escolha da não-maternidade em relação a família, os sentimentos e emoções da mulher que escolheu a não-maternidade e as influências da carreira profissional na não escolha da maternidade. O tipo de delineamento da pesquisa será qualitativo e estudo de caso. Os instrumentos a serem utilizados serão entrevistas semi-estruturadas. Os participantes serão de 4 a 6 mulheres, essas serão selecionados por amostragem bola de neve, e será realizado um perfil socioeconômico para caracterizar a amostra. Os critérios de inclusão dos participantes serão: mulheres, do sexo feminino, na faixa etária de 20 a 45 anos, ausência de filhos voluntariamente, residentes no vale do Paraíba. A análise dos dados será por categorização de quantificação e de conteúdo.

#### Objetivo da Pesquisa:

Compreender a vivência de mulheres que escolheram pela não maternidade.

#### Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Adequada avaliação de riscos e benefícios.

**Endereço:** Rua Visconde do Rio Branco, 210  
**Bairro:** Centro **CEP:** 12.020-040  
**UF:** SP **Município:** TAUBATE  
**Telefone:** (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br



Continuação do Parecer: 4.721.501

**Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:**

Pendências atendidas.

**Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:**

Termos apresentados adequadamente.

**Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:**

Projeto aprovado.

**Considerações Finais a critério do CEP:**

O Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade de Taubaté, em reunião realizada no dia 14/05/2021, e no uso das competências definidas na Resolução CNS/MS 510/16, considerou o Projeto de Pesquisa: APROVADO.

**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1720685.pdf	16/04/2021 13:44:44		Aceito
Outros	TERMODECOPROMISSOPESQUISADOR.pdf	16/04/2021 13:43:01	Andreza Maria Neves Manfredini Tobias	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETODEPESQUISA2021.pdf	16/04/2021 13:42:12	Andreza Maria Neves Manfredini Tobias	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	16/04/2021 13:41:52	Andreza Maria Neves Manfredini Tobias	Aceito
Folha de Rosto	FolhadeRosto.pdf	13/04/2021 15:11:04	Andreza Maria Neves Manfredini Tobias	Aceito
Outros	InstrumentoEntrevista.pdf	18/03/2021 19:10:42	Andreza Maria Neves Manfredini Tobias	Aceito

**Situação do Parecer:**

Aprovado

**Necessita Avaliação da CONEP:**

Não

**Endereço:** Rua Visconde do Rio Branco, 210  
**Bairro:** Centro **CEP:** 12.020-040  
**UF:** SP **Município:** TAUBATE  
**Telefone:** (12)3635-1233 **Fax:** (12)3635-1233 **E-mail:** cep@unitau.br